



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



SOPHIA HELENA GOMES RIBEIRO

**INFÂNCIA, GUERRA E A COBERTURA JORNALÍSTICA DA AL JAZEERA NA
PALESTINA**

MARIANA

2026

Sophia Helena Gomes Ribeiro

INFÂNCIA, GUERRA E A COBERTURA JORNALÍSTICA DA AL JAZEERA NA
PALESTINA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de
Jornalismo da Universidade
Federal de Ouro Preto, como
requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dr^a. Karina Gomes Barbosa

MARIANA

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R484i Ribeiro, Sophia Helena Gomes.
Infância, guerra e a cobertura jornalística da al jazeera na palestina.
[manuscrito] / Sophia Helena Gomes Ribeiro. - 2026.
90 f.: il.: color., gráf., tab., mapa.

Orientadora: Profa. Dra. KARINA GOMES BARBOSA.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Desastres - Cobertura jornalística. 2. Infância. 3. Política internacional. 4. Palestina. I. BARBOSA, KARINA GOMES. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.4

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Sophia Helena Gomes Ribeiro

Infância, guerra e a cobertura jornalística da *Al Jazeera* na Palestina

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Jornalismo

Aprovada em 19 de junho de 2026.

Membros da banca

Dra. Karina Gomes Barbosa - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (Universidade Federal de Ouro Preto)
Me. Rodrigo Castro (Universidade Federal de Minas Gerais)

Karina Gomes Barbosa, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/08/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/08/2026, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1162760** e o código CRC **CB08B001**.

DEDICATÓRIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso é composto por muitas pessoas. Muitas pessoas mesmo. Ele é sobre pessoas, e para pessoas. Todos os dias, desde que a guerra começou, acompanho de longe e com o coração apertado a morte de inúmeras crianças palestinas. Inúmeras não, porque temos números.

Até 8 de outubro de 2025, tínhamos chegado ao número de 64 mil crianças mortas ou feridas. Todos os dias, desde que a guerra começou eu vejo mães palestinas chorando. Todos os dias, desde que a guerra começou eu vejo crianças assustadas, perdidas ou feridas. Todos os dias, desde que a guerra começou, eu vejo homens desmembrados e brutalmente assassinados. Novamente uma correção, pois assassinados, não. Martirizados.

A guerra começou em 2023, mas data de bem antes disso. Eu terminei de pensar, escrever e apresentar esse trabalho no ano de 2026, e a guerra continua. O cerco às comunidades palestinas só piora, e o número de martirizados só aumenta.

Portanto, dedico esse trabalho para algumas das crianças que, de certa forma, encontrei durante a escrita desse trabalho: Ahmed el-Sheikh Eid (7 anos), Abdel Aziz, Khaled (2 anos), Leen (5 anos), Yaqeen Hammad (11 anos), Dina Abu Mohsen (12 anos), Ahmad Manasra, Omar Al-Sultan, Fadi al-Zant (6 anos), Mila, Anas al-Shinbari e Ibrahim Zakaria. Às crianças que foram profundamente marcadas e atravessadas pela violência, pelo medo, deslocamento, fome, perda e, para todas as crianças em Gaza, que encontraram a morte. Elas não são números, e não deveriam ser números para ninguém, elas têm história, pais que as amavam, avós que as mimavam e irmãos que brincavam com elas. O que resta delas? Seus rostos são estrelas na constelação de memórias gravadas nos corações e mentes daqueles que as amam.

Escrevo por memória, justiça e liberdade do povo palestino, em prol de que nenhuma criança palestina e no mundo inteiro tenha que sofrer com o genocídio de seu próprio povo, pelas crianças que viram o céu se tornar fogo, pelos pais e mães que carregam o peso do mundo em sacos de farinha vazios, pelos jovens que, forçadamente, trocaram o pátio da escola pelas grades de prisão.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), instituição pública, gratuita e de qualidade, que foi o cenário da minha transformação pessoal e profissional. Minha profunda gratidão por ocupar este espaço que resiste como um pilar de saber e democracia em meio ao caos neofacista e anti-acadêmico que espreita as instituições. Agradeço também às políticas de assistência estudantil e às bolsas que recebi ao longo desta trajetória. Sem esse auxílio fundamental, a permanência na universidade e a conclusão deste ciclo seriam caminhos muito mais árduos, senão impossíveis. À cidade de Mariana, que me acolheu e me ensinou muito do que aprendi ao longo da minha jornada acadêmica. Uma cidade que, mesmo em meio às marcas de um crime ambiental, resiste e pulsa com coragem, cultura e beleza, servindo como norteadora desse manifesto por resistência.

À família de Seu Geraldo, e às meninas incríveis que dividiram comigo os mais belos dias de sol e os intensos dias de chuva de Minas Gerais. Obrigada por transformarem a nossa casa em lar e por serem rede de apoio nos momentos mais difíceis. Ao Ariadnes e às/os ariadners, por todo o suporte, trocas e aprendizados compartilhados que foram essenciais para o meu amadurecimento durante a graduação. À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Karina Gomes Barbosa, pela paciência, pelo rigor intelectual e pela condução sensível deste trabalho. Sua orientação foi um farol para que este projeto de memória e jornalismo ganhasse vida.

Aos meus pais, Cláudio e Flávia, pelo amor incondicional, pelo crítico senso de justiça, pela teimosia de nunca desistir, e pelo olhar questionador, que são os alicerces de tudo o que sou. Ao meu pai, Cláudio, agradeço pelo exemplo de força e pelo apoio constante que me deu segurança para seguir. À minha mãe, Flávia, agradeço por ser meu exemplo como feminista, ativista e defensora dos direitos humanos, pela escuta atenta e por me ensinar que a educação é o bem mais precioso que alguém pode carregar. Vocês acreditaram nos meus sonhos até nos dias impossíveis, e este trabalho é, antes de tudo, uma vitória nossa. Ao meu irmão, Miguel, que é meu melhor amigo e foi companhia e incentivo em cada etapa deste percurso. Obrigada por estar ao meu lado e por partilhar comigo o crescimento e as descobertas da vida. Aos meus avós, pelo carinho e pelas raízes que me sustentam e me trouxeram até aqui. Ao meu noivo, Igor, por ser o meu ouvinte mais paciente e constante. Obrigada por, além de me escutar diariamente, acolher os meus desabafos sobre as dificuldades da escrita e por segurar a minha mão quando o peso das imagens e da realidade aqui pesquisada parecia grande demais para carregar sozinha.

RESUMO

Este trabalho analisa as narrativas jornalísticas e imagens do fotojornalismo sobre a violência contra o povo palestino na Faixa de Gaza, com foco no recorte da infância entre os anos de 2023 e 2025, depois dos eventos de 7 de outubro de 2023. O objetivo central é investigar como o portal *Al Jazeera English* constrói a cobertura jornalística do conflito, buscando responder se o jornalismo é capaz de oferecer visibilidade ética aos corpos infantis em um cenário de crise humanitária e destruição sistêmica. A fundamentação teórica ancora-se no conceito de necropolítica (Mbembe, 2018), na reflexão sobre direitos humanos em tempos de crise e na crítica ao “jornalismo do colonizador” (Krishnan, 2024), que utiliza o apagamento e a passividade linguística para desumanizar o colonizado. Metodologicamente, a pesquisa aplica o Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística de Silva e Maia (2011) e o guia *Communicating Palestine* (2023), que permite identificar as marcas do processo de produção (como estratégias de apuração, seleção de fontes e recursos verbovisuais) no produto final (reportagens e fotorreportagens). A análise revela que a *Al Jazeera*, ao detalhar o *modus operandi* da violência, atribuir identidade e reverberar a voz das crianças palestinas, constrói uma narrativa de resistência que desafia os protocolos de invisibilidade colonial e a desumanização estatística comum na mídia ocidental hegemônica.

Palavras-chave: infância; Palestina; Al Jazeera; cobertura jornalística; necropolítica.

ABSTRACT

This work analyzes journalistic narratives and photojournalism imagery regarding the violence against the Palestinian people in the Gaza Strip, focusing on the representation of childhood between 2023 and 2025, following the events of October 7, 2023. The central objective is to investigate how the Al Jazeera English portal constructs its journalistic coverage of the conflict, seeking to determine whether journalism is capable of offering ethical visibility to children's bodies within a landscape of humanitarian crisis and systemic destruction. The theoretical framework is anchored in the concept of necropolitics (Mbembe, 2018), reflections on human rights in times of crisis, and the critique of "colonizer journalism" (Krishnan, 2024), which utilizes erasure and linguistic passivity to dehumanize the colonized. Methodologically, the research applies the Journalistic Coverage Analysis Protocol by Silva and Maia (2011) and the guide *Communicating Palestine* (2023), which allows for the identification of production process markers (such as reporting strategies, selection of sources, and verbo-visual resources) within the final product (reports and photo essays). The analysis reveals that Al Jazeera—by detailing the modus operandi of violence, assigning identity, and reverberating the voices of Palestinian children—constructs a narrative of resistance that challenges colonial invisibility protocols and the statistical dehumanization common in hegemonic Western media.

Keywords: childhood; Palestine; Al Jazeera; journalistic coverage; necropolitics.

Um poema para Palestina - II

A guerra terá um fim

A guerra terá um fim.
Os líderes trocarão apertos de mãos.
A idosa continuará
esperando pelo filho martirizado.
Aquele moço vai esperar pelo
amado marido.
E essas crianças esperarão
por seu heroico pai.
Não sei quem vendeu nossas terras.
Mas eu vi quem pagou o preço.

(Mahmoud Darwish)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Palestina de 1947 até os anos atuais.....	21
Tabela 1 - Eixos temáticos selecionados para dividir a análise.....	51
Figura 2 - Recém-nascidos palestinos dividem a mesma incubadora.....	61
Gráfico 1: Proporção por gênero jornalístico.....	66
Tabela 2: Quantidade de formatos por categoria.....	66
Figura 3 - Crianças palestinas machucadas durante ataque aéreo israelense.....	73
Figura 4 - Recém-nascidos são amamentados enquanto dividem a mesma incubadora...	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - GÊNESE COLONIAL E A MATERIALIDADE DA DESTRUIÇÃO: PRINCÍPIOS DA GUERRA NA PALESTINA	17
Figura 1 - Mapa da Palestina de 1947 até os anos atuais.	21
1.2. Colonialismo	22
1.3 Necropolítica e as vidas enlutáveis	24
CAPÍTULO 2 - JORNALISMO DE GUERRA	27
2.1. Crise no jornalismo	28
2.2. Pensando o fotojornalismo e a cobertura jornalística em conflitos	33
2.3. Entre o testemunho e a construção: o jornalismo de guerra e a representação de mulheres e crianças	35
CAPÍTULO 3 - O CORPO-CRIANÇA EM GAZA: DA NECROPOLÍTICA À GRAMÁTICA DA OMISSÃO	38
3.1. A imagem como monumento à memória	41
3.2. A infância controlada pelo jornalismo	42
CAPÍTULO 4 - ESTRUTURA DA DENÚNCIA: DELINEAMENTO METODOLÓGICO E APLICAÇÃO DO PROTOCOLO (ACJ)	45
4.1. Categorização macrotemática para análise das reportagens sobre infância	46
4.1.1. Violência direta, encarceramento e emergência clínica: I. Eixo	46
4.1.2. Violência estrutural e inviabilidade da vida: II. Eixo	46
Tabela 1 - Eixos temáticos selecionados para dividir a análise	48
4.2. O método Ariadnes e a sistematização dos dados	51
4.2.1 Etapas metodológicas para a utilização e progressão da análise	52
4.4. Procedimentos de organização e análise qualitativa do corpus	55
CAPÍTULO 5 - O ROSTO SOB CERCO — DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE	57
Figura 2 - Recém-nascidos palestinos dividem a mesma incubadora	58
5.1. nível 1: marcas da apuração (o esforço de reportagem)	59
5.2. nível 2: marcas da composição (a arquitetura da notícia)	63
Gráfico 1: Proporção por gênero jornalístico	64
Tabela 2: Quantidade de formatos por categoria.	64
Gráfico 2: distribuição da arquitetura visual da Al Jazeera	65
5.3. Nível 3: Marcas do Contexto (As pressões externas e a linha editorial)	66
5.3.1. Menção às restrições de cobertura e dificuldades de apuração	66
5.4. Nível 4: marcas linguísticas (a gramática da agressão)	67
5.4.1. Vocabulário: pensando novas maneiras de informar dentro do jornalismo de guerra decolonial a partir do uso e integração das terminologias corretas	70
5.5 Nível 5: marcas visuais (a imagem como testemunho e prova)	71
Figura 3 - Crianças palestinas machucadas durante ataque aéreo israelense	72
5.5.1. Identificação e exposição do rosto	72
Figura 4 - Recém-nascidos são amamentados enquanto dividem a mesma incubadora	73
Figura 5: Criança prostrada com o corpo encostado em uma parede.	74

5.5.2. Limitações, ética no jornalismo e o esforço analítico	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

Esta monografia se insere no campo da comunicação e dos estudos de mídia, dedicando-se a analisar criticamente as práticas do jornalismo de guerra e o impacto do fotojornalismo na representação da infância palestina. O trabalho busca compreender as dinâmicas da ocupação e do apartheid israelense e seus reflexos na representação midiática desses sujeitos vulneráveis. A pesquisa utiliza como objeto de estudo a cobertura em 14 produções jornalísticas do portal *Al Jazeera English*, cuja escolha se justifica por seu papel como uma das principais fontes globais sobre o tema e por seu potencial contra-hegemônico em relação à mídia ocidental.

O foco no jornalismo é metodológico e ético. Ele se baseia na premissa de que a mídia noticiosa atua como agente ativo na batalha das narrativas (Baldin; Ramos, 2023), especialmente na construção do que Judith Butler (2015) chama de “vidas passíveis de luto” ou da enlutabilidade (*grievability*). Em cenários de violência sistêmica, a escolha de enquadramentos editoriais e o uso do fotojornalismo definem se o sofrimento da criança será percebido como tragédia individual ou como evidência de um crime de guerra. E quando me refiro à infância no presente trabalho, a penso sob a ótica de Nádia Lage (2021), podendo esta ser compreendida como um estágio de proteção e desenvolvimento. Em contextos de guerra, a violência perpetrada contra esses corpos transcende a tragédia individual, configurando-se como um ato político que visa aniquilar a continuidade e a memória de um povo (UNICEF, 2023).

Diante da destruição sistêmica da infraestrutura de Gaza, este trabalho se propõe a analisar as possibilidades da criação, desenvolvimento e permanência de um estilo de jornalismo decolonial, que confrontaria o conceito que Vidya Krishnan (2024) denomina “jornalismo do colonizador”, que utiliza a passividade linguística para desumanizar o colonizado. A análise de práticas midiáticas e marcas visuais (Lage, 2021) é crucial para investigar como o jornalismo documenta tais violações. Nesse sentido, esta pesquisa orienta-se pelo seguinte problema de pesquisa: A cobertura jornalística da *Al Jazeera* sobre crianças, entre os anos de 2023 e 2025, é capaz de oferecer visibilidade ética aos corpos infantis em um cenário de destruição sistêmica e necropolítica?

Para responder a essa questão, o presente trabalho está estruturado em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, apresenta-se o contexto histórico do conflito e os conceitos de apartheid e necropolítica que fundamentam a análise. O

segundo capítulo dedica-se à fundamentação teórica sobre o papel do jornalismo em crises humanitárias, o fotojornalismo e a representação da infância na mídia.

No terceiro capítulo, pensa-se a infância, e como essa cobertura jornalística de guerra poderia ser realizada de forma ética. No quarto capítulo, apresento a metodologia utilizada, baseada no protocolo de Silva e Maia (2011) e no guia *Communicating Palestine* (2023), assim como a análise empírica da cobertura da *Al Jazeera English* entre 7 de outubro de 2023 e 7 de outubro de 2025. Por fim, o quinto capítulo discute os resultados obtidos, confrontando as marcas visuais e narrativas com os dilemas éticos do testemunho jornalístico.

Conto, portanto, uma história que começa bem antes da minha própria cronologia. O genocídio ocorre há séculos, e milhares de vidas já foram martirizadas por ele. Meu trabalho de conclusão de curso procura honrar a memória das milhares de crianças que perderam suas vidas frente à expropriação colonialista e sionista conduzida pela expansão ilegítima do Estado de Israel. Esta é uma tentativa de pensar e analisar o jornalismo como ferramenta de registro, memória e justiça, assegurando que nenhum mártir seja esquecido e que o silêncio da impunidade seja finalmente rompido pelo martelo do Direito Internacional, para que o Estado de Israel seja conduzido ao tribunal e seja responsabilizado por seus crimes de guerra. Para que o povo palestino, guardião das oliveiras milenares, possa descansar sem medo e caminhar sobre o solo de seus ancestrais. Que o retorno não seja um sonho de exílio, mas o abraço físico com a terra, e que a paz, enfim, floresça como um direito irrevogável de quem nasceu para ser livre.

O trabalho também aborda as complexidades históricas e políticas do sionismo e suas implicações. Para além da análise jornalística, há uma dimensão humana que se manifesta diante dos eventos que impactam a vida de milhares de palestinos, e portanto, através do texto, procuro canalizar a profunda consternação que se apresenta ao observar o futuro de Gaza ser comprometido em tempo real. Os eventos desta era de catástrofes têm sido – e continuam a ser – documentados, e a memória se estabelece como a principal ferramenta para combater o esquecimento que apaga as vítimas dos avanços imperialistas. Considerando que a dor de uma criança em uma incubadora sem energia em Gaza pulsa no mesmo ritmo da injustiça em qualquer canto do globo, considerando que a neutralidade diante da opressão é, na verdade, o combustível do opressor, digo que não existe “lá longe” quando se trata de direitos humanos. A distância geográfica é uma ilusão que a indiferença utiliza para nos manter confortáveis. Quando o ar falta nos pulmões de um bebê por falta de combustível, o

oxigênio da nossa própria humanidade se torna mais rarefeito. O manifesto de Brecht¹ nos ensina que a liberdade é um bloco indivisível; se permitirmos que o direito de ir e vir, de comer e de viver em paz seja arrancado de um povo sob o pretexto de segurança ou guerra, estamos entregando nossas próprias vidas à regras perversas e arbitrárias.

Dessa forma, confrontemos a indiferença com o imperativo da solidariedade humana, recusando o distanciamento moral: não devemos dizer “eu não sou palestino” e, portanto, “a guerra não me afeta”. Ao contrário, adotemos portanto a máxima de Terêncio (165 a.C.): “Eu sou humano, e nada do que é humano me é estranho”.

A paz não é apenas a ausência de bombas, mas a presença da justiça (Galtung, 1969), e escrevo portanto, na esperança que os Estados e instituições sejam responsabilizados pelo ódio que propagam. Onde houve crime, que haja julgamento; onde houve exílio, que haja o caminho de volta; onde houve medo, que se plante o direito inalienável de sonhar. Para que quando a história bater à nossa porta, ela não nos encontre em silêncio, omissos. Que ela nos encontre de mãos dadas com aqueles que o mundo tentou apagar. Pelo direito de Gaza respirar, pelo direito de todo povo ser dono do seu chão e do seu destino.

O poema *Pense nos outros*, de Mahmoud Darwish, vem de uma escolha política e ética, justamente pelo autor ser considerado o poeta nacional da Palestina, articulando nesta obra o contraste brutal entre a banalidade do cotidiano, (o café da manhã, a conta de água, o retorno para casa) e a privação absoluta imposta àqueles que vivem sob o cerco.

Essa epígrafe atua como um lembrete metodológico de que o jornalismo e a pesquisa acadêmica não devem apenas relatar fatos. Segundo Reginato (2019), o jornalismo possui a finalidade fundamental de organizar a experiência temporal subjetiva, oferecendo recursos simbólicos que permitem partilhar significados. Ao evocar as cenas cotidianas de Darwish, este trabalho busca cumprir o que a autora define como a função de tornar o presente compreensível e coerente, retirando o conflito da abstração estatística e devolvendo-o à dimensão da vida vivida. Acredito em um jornalismo que ilumine as subjetividades palestinas através de uma análise midiática que recusa o silenciamento e atua na construção de uma memória coletiva que se nega a aceitar o esquecimento.

O poema é apresentado primeiramente em sua língua original, o árabe, seguida de sua tradução para o português. Esta decisão busca preservar a integridade cultural da obra e

¹ O “Manifesto” é uma espécie de poema em versos em que o dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht tenta versificar e adaptar o Manifesto do Partido Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels. O autor, para tanto, utilizou o formato literário para expressar ideias fundamentais, como a crítica à naturalização da pobreza e a necessidade de transformação social. BRECHT, Bertolt. **O Manifesto**. Crítica Marxista, São Paulo, Boitempo, v.1, n.16, 2003, p.109-120.

reforçar ideias decoloniais, justamente para combater o apagamento histórico e linguístico que frequentemente acompanha o projeto colonial.

فكر بغيرك -

(محمود درويش) -

وَأَنْتَ تُعِدُّ فُطُورَكَ ' فَكَّرْ بغيرِكَ -

[لَا تَنْسَ قُوْتَ الْحَمَامِ] -

وَأَنْتَ تَخُوضُ حُرُوبَكَ، فَكَّرْ بغيرِكَ -

[لَا تَنْسَ مَنْ يَطْلُبُونَ السَّلَامَ] -

وَأَنْتَ تُسَدِّدُ فَاتُورَةَ الْمَاءِ، فَكَّرْ بغيرِكَ -

[مَنْ يَرْضَعُونَ الْغَمَامَ] -

وَأَنْتَ تَعُودُ إِلَى الْبَيْتِ، بَيْتَكَ، فَكَّرْ بغيرِكَ -

[لَا تَنْسَ شَعْبَ الْخِيَامِ] -

وَأَنْتَ تَنَامُ وَتُحْصِي الْكَوَاكِبَ، فَكَّرْ بغيرِكَ -

[نَمَّةٌ مَنْ لَمْ يَجِدْ حَيْزاً لِلْمَنَامِ] -

وَأَنْتَ تَحَرَّرُ نَفْسَكَ بِالْاِسْتِعَارَاتِ، فَكَّرْ بغيرِكَ -

[مَنْ فَقَدُوا حَقَّهُمْ فِي الْكَلَامِ] -

وَأَنْتَ تَفَكِّرُ بِالْآخَرِينَ الْبَعِيدِينَ، فَكَّرْ بِنَفْسِكَ -

[قُلْ: لِيَتَنِي شَمْعَةٌ فِي الظَّلَامِ] -

Pense nos outros²

“Enquanto você prepara o seu café da manhã, pense nos outros;
[Não se esqueça de alimentar os pombos]
Enquanto você trava suas guerras, pense nos outros;
[Não se esqueça daqueles que pedem a paz]
Ao pagar a sua conta de água, pense nos outros;
[Que buscam sustento nas nuvens, não em uma torneira]
Enquanto você volta para casa – para sua casa – pense nos outros;
[Como aqueles que vivem em tendas]
Enquanto você dorme contando planetas, pense nos outros;
[Quem não consegue encontrar um lugar para dormir]
Enquanto você se liberta das metáforas sofisticadas, pense nos outros;
[Que perderam o direito de falar]
E enquanto você pensa nos outros, distantes, pense em você;
[E diga: Quem dera que eu fosse uma vela na escuridão]”

(Mahmoud Darwish)

² Tradução retirada do site da 2ª edição da Revista *Libanus*, publicada no dia 13 de dezembro de 2023, associada à redação.

CAPÍTULO 1 - GÊNESE COLONIAL E A MATERIALIDADE DA DESTRUIÇÃO: PRINCÍPIOS DA GUERRA NA PALESTINA

A atual ofensiva militar sobre a Faixa de Gaza, deflagrada após os ataques de 7 de outubro de 2023, não pode ser compreendida como um evento isolado. Embora a cobertura midiática hegemônica tenda a descrever a ofensiva militar israelense à Palestina como uma disputa religiosa intratável ou uma mera reação a ataques terroristas, uma análise profunda da história revela que a violência contemporânea é o sintoma agudo de um processo estrutural iniciado há mais de um século. Portanto, este capítulo busca delinear os princípios fundamentais que regem a guerra na Palestina, já que não se trata de uma guerra convencional entre dois Estados soberanos, mas da consolidação de um projeto de colonialismo de povoamento (*settler colonialism*). Segundo Ilan Pappé (2017), a lógica desse sistema não é a exploração de mão de obra, como no colonialismo clássico, mas a “lógica da eliminação”: o desejo de substituir a população nativa por uma nova sociedade de colonos. Essa estrutura temporal, do “tempo perturbado” da Palestina, é analisada por Badra El Cheikh Tanure Amora (2022) em sua pesquisa de mestrado, *Quando é a Palestina?: o tempo palestino através da ficção científica de Larissa Sansour*. A autora sugere que a experiência do tempo palestino é descontínua, na qual a Nakba não é vista como um evento único e estático no passado, mas como uma catástrofe contínua que atravessa violentamente a vida palestina (Amora, 2022).

Essa percepção alinha-se à historiografia de Pappé (2024), que define a limpeza étnica não apenas como o ato fundacional de 1948, mas como uma política contínua de despossessão. Portanto, a vida dos palestinos torna-se dispersa e descontínua, contrastando com a percepção ocidental de uma história linear de guerra e paz. O primeiro princípio ordenador da guerra na Palestina é a sua natureza colonial, e a raiz diplomática dessa transgressão encontra-se na Declaração Balfour de 2 de novembro de 1917. Em um documento de apenas 67 palavras, Arthur Balfour, secretário de Relações Exteriores da Grã-Bretanha, prometeu ao movimento sionista o estabelecimento de um “lar nacional” em uma terra onde os palestinos constituíam mais de 90% da população. Este ato ignorou deliberadamente a autodeterminação dos habitantes nativos, inaugurando o Mandato Britânico (1923-1948).

Para legitimar essa invasão, foi necessário construir o mito de que a Palestina era uma “terra sem povo para um povo sem terra”. Pappé (2017) argumenta que essa narrativa serviu para desumanizar a população local, tratando-a não como uma sociedade nativa com

direitos, mas como um obstáculo a ser removido. A resistência a este processo não tardou: a Revolta Árabe de 1936-1939 foi uma resposta direta à aliança entre o colonialismo britânico e o projeto sionista. A repressão britânica — que incluiu demolições de casas e execuções — estabeleceu as táticas punitivas que o Estado de Israel herdaria e aplicaria em sua guerra agressiva contra Gaza.

A culminação deste processo se deu com a Resolução 181 da ONU em 1947, que propôs a partilha da terra desproporcionalmente a favor do Estado judeu. A recusa palestina, fundamentada na posse de 94% da terra histórica, foi seguida pela Nakba (a Catástrofe, em árabe) de 1948. Contrariando a ideia de uma fuga voluntária, Pappé (2024) demonstra que as forças sionistas executaram o Plano Dalet, uma operação militar planejada de limpeza étnica que destruiu mais de 500 vilarejos e deslocou forçadamente 750 mil palestinos. A guerra, portanto, serviu como cobertura para a engenharia demográfica necessária à criação de um Estado judeu em terra expropriada.

1.1. A consolidação do Apartheid e a ilusão de Oslo

É fundamental diferenciar a criação do Estado em 1948 da ocupação militar dos territórios palestinos remanescentes, que se iniciou de forma decisiva após a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Segundo Edward Said (2012), é essa ocupação contínua, com a expansão de assentamentos e o controle sobre a vida da população local, que serve como base para a política administrativa israelense considerada ilegítima sob o direito internacional. Pappé (2017) reforça que a guerra de 1967 não foi uma guerra de “nenhuma escolha” (Pappé, 2017, p. 101) pela sobrevivência de Israel, mas a conclusão de um projeto territorial incompleto em 1948. Após a ocupação da Cisjordânia, Gaza e Jerusalém Oriental (a Naksa, revés em árabe), o princípio da guerra expandiu-se da conquista territorial para a gestão demográfica através de um sistema de apartheid³.

³ Termo de origem africâner que significa “separação”. Historicamente, designa o regime de segregação racial institucionalizado na África do Sul entre 1948 e 1994, que impunha a supremacia da minoria branca sobre a maioria negra. Juridicamente, o Estatuto de Roma (1998) define o apartheid como um crime contra a humanidade, caracterizado por atos desumanos cometidos no contexto de um regime institucionalizado de opressão e domínio sistemático de um grupo racial sobre outro. No contexto desta pesquisa, o termo é aplicado para descrever a estrutura de dominação israelense nos territórios ocupados, onde coexistem sistemas jurídicos distintos para colonos e palestinos, além de barreiras físicas e burocráticas que impedem a autodeterminação nacional da população nativa (Farsakh, 2003).

A construção de assentamentos ilegais fragmentou a Cisjordânia em “bantustões⁴” isolados, impedindo a viabilidade de um Estado Palestino contíguo. O sistema jurídico dual (direitos civis para colonos judeus e lei militar para palestinos) cristalizou a desigualdade. Os Acordos de Oslo (1993), frequentemente citados como um esforço de paz, serviram, na prática, para terceirizar a segurança da ocupação para a Autoridade Palestina (AP). A AP tornou-se uma gestora da população sob ocupação, enquanto a expansão dos assentamentos dobrava e muros de concreto segregavam comunidades. A Faixa de Gaza representa o laboratório mais extremo de políticas sionistas (Pappé, 2017, p. 132). Sob bloqueio total desde 2007, o enclave costeiro foi transformado em uma prisão a céu aberto, sujeita a bombardeios cíclicos. A guerra atual, no entanto, introduz uma dimensão de destruição total.

Andreas Malm (2024) classifica a violência recente como uma convergência entre genocídio e devastação ambiental. Os princípios da guerra moderna na Palestina não visam apenas derrotar um grupo armado, mas tornar o território inabitável. Ele argumenta que a infraestrutura militar que pulveriza Gaza é sustentada pela mesma lógica do capital fóssil que acelera a catástrofe climática global. O bombardeio sistemático não apenas mata milhares de civis — superando dezenas de milhares de vítimas e deslocando milhões — mas envenena o solo, destrói aquíferos e polui a atmosfera, configurando um ecocídio. O bloqueio total anunciado por Israel, cortando água, comida e combustível, viola o direito internacional e revela a faceta necropolítica do conflito: o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer, não apenas pela bala, mas pela inanição e pela destruição do ecossistema necessário à vida (Malm, 2024).

A análise histórica e material demonstra que a violência na Palestina obedece a uma lógica cumulativa. Da assinatura de Balfour em 1917 aos bombardeios de saturação⁵ em Gaza em 2024, os princípios da guerra permanecem consistentes: a negação da soberania da população local, a apropriação de recursos e a desumanização do outro. Como sugere Malm, a Palestina é hoje a vanguarda de uma luta global, e o que ocorre em Gaza (a destruição desenfreada de um povo e de seu território com a cumplicidade das potências ocidentais, negando assim, a continuidade de existência de um grupo) serve de aviso para o resto do planeta. Entender a Palestina exige, portanto, olhar para além das manchetes imediatas e

⁴ Os bantustões (ou *homelands*) foram reservas territoriais criadas pelo regime do apartheid na África do Sul, entre as décadas de 1950 e 1970, destinadas ao confinamento da população negra majoritária em apenas 13% do território nacional. Sob o pretexto de uma “autonomia” administrativa e civil, essas áreas serviam para privar os negros de cidadania plena e transformá-los em mão de obra segregada. No contexto palestino, o termo “bantustanização” é utilizado para descrever a fragmentação da Cisjordânia e da Faixa de Gaza em enclaves isolados e cercados por colônias e postos de controle israelenses, resultando em territórios sem continuidade geográfica, soberania política ou viabilidade econômica (Farsakh, 2003).

⁵ Bombardeio de saturação: bombardeio denso, concentrado apenas na área que se pretende destruir.

encarar as raízes de um projeto colonial que, em sua ânsia de dominação, ameaça as próprias bases da vida humana na Terra.

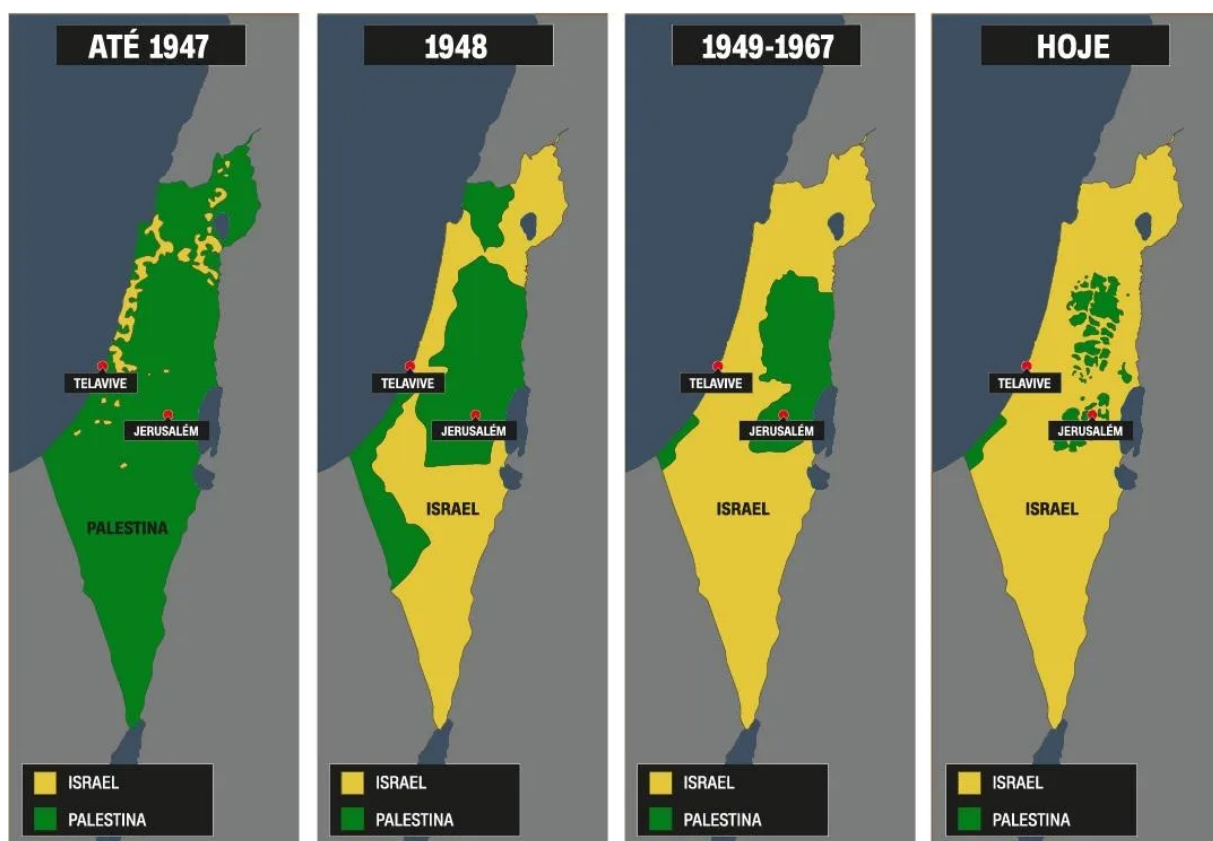
Embora a cobertura jornalística internacional acompanhe o conflito, estudos recentes apontam para um enviesamento sistêmico que compromete a imparcialidade narrativa. Segundo dados estatísticos do relatório do Centre for Media Monitoring (2024)⁶, a BBC dedicou 33 vezes mais cobertura a mortes israelenses do que a palestinas, apesar de estas últimas serem numericamente 34 vezes superiores. Esse estudo, lançado em junho de 2025, analisou um escopo mais amplo de 12 meses de transmissão, (2023 - 2024), fundamentando a discussão extensamente para a assimetria qualitativa, o uso de voz passiva e como grandes jornais ocidentais enfatizaram desproporcionalmente as mortes israelenses e usaram linguagem emotiva de forma exclusiva para um dos lados (Johnson e Ali, pg. 62, 2024). Também viu-se uma análise de termos fortes aplicados de maneira desigual, o relatório expõe e-mails internos de protesto enviados por jornalistas da própria BBC (como o correspondente Rami Ruhayem) à direção da emissora, criticando o fato de termos como "massacre" e "atrocidades" serem reservados quase exclusivamente para as ações do Hamas. (Johnson e Ali, pg. 61-66, 2024). O relatório demonstra como as mortes em Gaza são rotineiramente suavizadas em voz passiva (ex: descrevendo que palestinos "perderam suas vidas" ou "morreram devido à falta de água", omitindo o agente da ação), enquanto as mortes israelenses são descritas ativamente por termos como "assassinados" ou "vítimas de massacres". (Johnson e Ali, pg. 61, 76 e 80, 2024)

A agência de notícias *Al Jazeera* confirmou que o conflito se estende por 29 meses e algumas semanas. Pelo menos 46.707 pessoas foram mortas, incluindo cerca de 18.000 crianças. Em 15 de janeiro de 2025 o governo de Israel e a resistência armada Hamas decidiram pelo cessar-fogo e libertação de reféns palestinos e israelenses. Na época, a decisão trouxe ao conflito que completava 15 meses a esperança de uma breve pausa na violência continua. O que não ocorreu, assim como todas as vezes anteriores em que houve a tentativa de firmar um acordo de paz. Em 9 de outubro de 2025 houve uma nova tentativa de

⁶ O artigo de Oscar Rickett (2025) detalha o relatório divulgado em junho de 2025 pelo *Centre for Media Monitoring* (CfMM), que realizou uma análise quantitativa e qualitativa de mais de 35.000 conteúdos da BBC (entre textos e transmissões) veiculados entre outubro de 2023 e outubro de 2024. O estudo constatou um viés sistêmico contra a narrativa palestina, destacando que as mortes israelenses receberam 33 vezes mais tempo de cobertura do que as palestinas. Além disso, o relatório identificou assimetria no uso de termos emotivos, revelando que a palavra "massacre" foi aplicada 18 vezes mais para descrever fatalidades israelenses. A reportagem de Rickett também expõe uma crise institucional na emissora britânica, caracterizada por protestos de funcionários, demissões de figuras públicas (como o apresentador Gary Lineker) e alegações de censura política devido ao represamento de documentários que retratavam a situação dos médicos e civis em Gaza. RICKETT, Oscar. BBC coverage of Israel's war on Gaza 'systematically biased against Palestinians'. Middle East Eye, 17 jun. 2025. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net>. Acesso em: 26 maio 2026.

acordo de cessar-fogo, que continua trazendo morte e destruição aos palestinos, com os bombardeios contínuos de Israel no território já ameaçado e destruído pelos avanços da guerra. A história da ocupação ilegítima de Israel dentro do território legítimo da Palestina e seu povo é uma das disputas mais longas e violentas do mundo. Como dito, a ofensiva israelense é um processo histórico de colonização de ocupação, o que se apresenta mais claramente quando observa-se os mapas que mostram a expansão colonial ao longo das décadas e a expropriação das terras palestinas. Após uma série de guerras, as nações ainda resistem, principalmente com as revoltas contra a ocupação israelense.

Figura 1 - Mapa da Palestina de 1947 até os anos atuais.



Fonte: Matéria de Joana Azevedo Viana para CNN Portugal em 25/09/2025

Enquanto o primeiro mapa ilustra o cenário anterior a 1948, o segundo detalha a proposta de divisão territorial para a viabilização de um Estado palestino. Essa “solução de dois Estados”, contudo, revela-se cada vez mais utópica, uma vez que os mapas seguintes documentam a contínua expansão ilegítima israelense sobre o território da Cisjordânia.

1.2. Colonialismo

Uma das formas que penso o entendimento do histórico embate por território travado na região da Palestina é a partir do colonialismo, pela leitura do livro *Colonialismo e luta anticolonial* (2020), de Domenico Losurdo, que aborda o tema como uma manifestação do liberalismo e do capitalismo. A obra argumenta que o colonialismo não se limita à dominação formal, mas também envolve a construção e desvalorização de “outros”. Essa dinâmica é um componente necessário para a reprodução capitalista, permeando todas as suas correntes ideológicas e destruindo a noção de uma “civilização ocidental” ou um “sujeito universal civilizado” (Losurdo, 2020, p. 2). A obra conecta o colonialismo diretamente ao racismo e à escravidão, mostrando como ambos são elementos fundantes do ideário liberal.

Já na obra *A destruição da Palestina é a destruição do planeta*, um conceito fortemente explorado é a discussão da expansão colonialista britânica no Egito e a sua relação com a indústria do algodão (Malm, 2024, p. 18). O autor destaca o ano de 1840 como um momento crucial, quando o Império Britânico utilizou navios a vapor em uma grande campanha militar. A intervenção britânica no Egito foi motivada pela rivalidade imperial e, de forma central, pela dinâmica do desenvolvimento capitalista na Grã-Bretanha. A indústria de algodão britânica, que era a ponta de lança desse desenvolvimento, sofria com uma crise de superprodução na década de 1830 (Malm, 2024, p. 20). O livro explica que, para resolver a crise, a Grã-Bretanha precisava impor o livre comércio ao paxá Muhammad Ali e às terras árabes sob seu controle, pois a indústria de algodão britânica permaneceria sufocada sem novos mercados para sua expansão.

Para impor essa política, a Grã-Bretanha usou a força militar. Os britânicos consideraram a recusa de Ali em aceitar o Tratado de Balta Liman⁷ como um motivo para a guerra e que o secretário de Relações Exteriores, lorde Palmerston, considerava seu grande objetivo abrir terras para o comércio em cada canto do mundo. A Marinha Real Britânica usou navios a vapor, como o HMS Gorgon, para bombardear cidades como Beirute e Akka, forçando Muhammad Ali a ceder às demandas britânicas. Ou seja, foi dessa forma que a Grã-Bretanha, utilizando o poder do motor a vapor, destruiu o proto-império árabe de Muhammad Ali. O país que teve o destino mais afetado foi o Egito, pois sua indústria de algodão caiu por terra do dia para a noite ao não conseguir competir com as exportações

⁷ Tratado de Balta Liman (1838): Acordo de livre comércio assinado entre o Império Britânico e o Império Otomano. Segundo Andreas Malm, o tratado era “absurdamente vantajoso” para a Grã-Bretanha, pois abria os territórios sob controle do sultão para as exportações britânicas de forma ilimitada (Malm, 2024, p. 20). A recusa do paxá do Egito, Muhammad Ali em aceitar o acordo foi um dos principais motivos para a guerra de 1840.

britânicas. O autor usa esse exemplo para ilustrar como a violência foi utilizada para integrar outros países à economia fóssil britânica e globalizar a dependência de combustíveis como o carvão.

No livro de Losurdo, a luta anticolonial é apresentada como uma forma de combate essencial contra a barbárie e a opressão. O texto sugere que, enquanto no Ocidente a barbárie se manifesta de forma atenuada, nas colônias ela se expressa em toda a sua brutalidade (Losurdo, 2020, p. 179). A resistência a esse sistema é crucial, pois as piores atrocidades da história estão associadas a teorias colonialistas e racistas (Losurdo, 2020, p. 173). Losurdo destaca que a luta anticolonial foi talvez a forma mais importante de luta de classes no século XX, superando o modelo tradicional de revolução ao incluir a emancipação de povos colonizados e a luta pela dignidade e humanidade.

O autor também defende que o colonialismo não é um fenômeno do passado, mas que continua a se manifestar em formas neocoloniais. A obra aponta que a contrarrevolução do final do século XX reabilitou a tradição colonial e que o fim da Guerra Fria não trouxe a paz, mas sim um recrudescimento do militarismo imperialista sob a forma de “guerras neocoloniais” (Losurdo, 2020, p. 15). Nesse sentido, o autor mostra como a “indústria da mentira” (Losurdo, 2020, p. 93) e as operações psicológicas são usadas para justificar a subjugação de outros povos, apresentando-as como “guerras humanitárias” que na verdade produzem massacres (Losurdo, 2020, p. 57).

O combate ao colonialismo é, para o autor, um desafio contínuo para a revolução no século XXI. Ele se manifesta na luta contra o imperialismo e a guerra, na defesa da autodeterminação dos povos e na resistência à manipulação ideológica. A luta anticolonial palestina, neste cenário, não é apenas um movimento político, mas uma busca pela sobrevivência de um povo que, ao longo de décadas, tem resistido a um processo de desumanização e apagamento. Edward Said (2012, p. 118) descreve essa condição como a transformação do nativo palestino em um “nativo ausente”, cuja existência foi sistematicamente negada para viabilizar o projeto colonial. A resistência, portanto, torna-se uma luta pelo “direito de narrar sua própria história e existir como povo” (Said, 2012, p. 45), uma vez que a violência colonial se manifesta tanto no plano físico quanto no simbólico. Nesse contexto, a memória e o registro, incluindo o jornalismo, emergem como ferramentas essenciais de confronto. A recusa em esquecer é uma forma de resistência contra a “indústria da mentira”, que, segundo Losurdo (2020, p. 93), é parte integrante da máquina de guerra do imperialismo. Honrar as vítimas e garantir que a história não seja esquecida, portanto, reforça

o compromisso com a luta contra o colonialismo, o imperialismo e todas as formas de opressão que continuam a se manifestar em novas e brutais configurações.

1.3 Necropolítica e as vidas enlutáveis

Achille Mbembe, filósofo e cientista político camaronês, autor de *Necropolítica*, pensa justamente que a soberania contemporânea não se restringe apenas ao poder de “fazer viver ou deixar morrer”, como na teoria do biopoder de Foucault (Mbembe, 2018, p. 5). Em vez disso, ela se manifesta como a capacidade de ditar quem pode morrer e quem deve ser exposto à morte (Mbembe, 2018, p. 4). Nesse sentido, o necropoder se estabelece como a expressão máxima da soberania, operando a partir de um “estado de exceção” que se torna uma condição permanente e espacializada (Mbembe, 2018, p. 7) e não uma suspensão temporária da lei. Essa dinâmica é crucial para entender como certos corpos e populações são sistematicamente desumanizados e submetidos a uma “política da morte” (Mbembe, 2018, p. 3).

A violência colonial que acomete Gaza pode ser interpretada como um exemplo extremo de necropolítica. A ocupação colonial contemporânea combina poderes disciplinares, biopolíticos e necropolíticos para exercer uma dominação absoluta sobre a população sob seu controle. O estado de sítio torna-se uma instituição militar permanente (Mbembe, 2018, p. 30), em que cidades inteiras são sitiadas e isoladas. Além disso, populações civis desarmadas são transformadas em alvos legítimos do soberano (Mbembe, 2018). Essa política de cerceamento e destruição tem como objetivo a subjugação e o controle total dos corpos.

A tragédia das crianças palestinas em Gaza se encaixa perfeitamente na lógica da necropolítica. Seus corpos, reduzidos a “simples esqueletos” ou “mutilados” (Mbembe, 2018, p. 59), são o resultado direto de uma violência que não distingue entre combatentes e civis. A morte de inocentes não é um efeito colateral indesejado, mas uma manifestação do poder que decide quem tem o direito de existir e quem pode ser descartado (Mbembe, 2018). A exposição constante de suas vidas à morte é o ponto central de uma estratégia que, através da destruição material e da desumanização, nega a própria existência de um futuro para a população palestina. Portanto, a necropolítica de Mbembe oferece uma estrutura analítica essencial para compreender a violência em Gaza. Não se trata apenas de guerra, mas de um sistema que transforma a vida em “trabalho de morte”, em que o corpo do outro é o palco da soberania. A resistência palestina, nesse contexto, é a luta desesperada pela vida e pela

dignidade (Mbembe, 2018), mesmo diante de um poder que utiliza a morte como seu principal instrumento de dominação.

A compreensão da violência perpetrada contra os corpos palestinos exige, antes de tudo, uma análise sobre os mecanismos epistemológicos que autorizam tal violência. Não se trata apenas do ato de matar, mas da construção prévia de um sujeito matável. Para entender como a catástrofe humanitária em Gaza é frequentemente naturalizada ou justificada pela retórica de guerra, recorremos a Judith Butler e sua interrogação fundamental: o que torna uma vida passível de ser enlutada?

Em *Quadros de Guerra*, Butler argumenta que a guerra não opera apenas através da destruição física, mas através da regulação visual e discursiva do que conta como realidade. A autora postula que “vidas específicas não podem ser apreendidas como feridas ou perdidas se não forem antes apreendidas como vivas” (Butler, 2015, p. 13). No contexto palestino, isso sugere que a operação necropolítica começa muito antes do bombardeio; ela começa no enquadramento midiático e político que retira daquele povo o status de “vivos”, transformando-os em meras ameaças demográficas ou escudos humanos.

A “enlutabilidade” (*grievability*, no original em inglês) é, portanto, um pressuposto para que a vida seja protegida. Quando o Estado e as mídias hegemônicas enquadram a população de Gaza fora dessa matriz de reconhecimento, cria-se um vácuo ético. Butler (2015, p. 12) é enfática ao descrever essa exclusão: “Se certas vidas não forem qualificadas como vidas, ou se, desde o início, não forem concebidas como vidas de acordo com certos quadros epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras”.

Essa desrealização do “outro” é o que pavimenta o caminho para a necropolítica. Ao negar o luto — ou seja, ao negar que a morte de uma criança palestina seja uma perda para a humanidade equivalente à morte de uma criança ocidental —, o sistema valida a destruição desses corpos. O corpo palestino, sob essa ótica, torna-se um alvo legítimo, cuja eliminação é vista não como um crime, mas como uma operação de limpeza ou defesa.

A recusa em enlutá-los é, em si, um ato de violência contínua. Butler nos alerta que os enquadramentos de guerra (os *frames*, no original em inglês) agem para diferenciar “nós” de “eles”, estabelecendo que “assim, há “sujeitos” que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há “vidas” que dificilmente — ou, melhor dizendo, nunca — são reconhecidas como vidas” (Butler, 2015, p. 16). Desse modo, a crise humanitária na Palestina não é apenas uma crise de recursos ou de refúgio, mas uma crise de reconhecimento ontológico. A necropolítica se alimenta dessa vida nua que, não sendo passível de luto, pode ser

administrada pela morte sem gerar a comoção política necessária para cessar o massacre. O jornalismo e a fotografia, quando acríticos, atuam como reforçadores desses enquadramentos, repetindo a lógica de que aquelas mortes são inevitáveis, colaterais e, em última instância, esquecíveis (Butler, 2024). Isso resume com precisão os conceitos centrais que Butler desenvolve, já que ela discute extensivamente como o jornalismo e a fotografia, quando operam dentro de determinados enquadramentos, funcionam como instrumentos de poder que decidem quais mortes serão notadas e quais serão ignoradas.

Butler critica o que chama de “cobertura comprometida” (como o *embedded journalism* na Guerra do Iraque, também chamado de “cobertura incorporada”), em que a mídia aceita relatar os fatos apenas a partir da perspectiva permitida pelas operações de relações públicas⁸. Esse enquadramento mandatório organiza a percepção e o pensamento do espectador, transformando a fotografia em uma “cena estruturadora da interpretação”, (Butler, 2024, pg. 105), que muitas vezes esconde a realidade da percepção. A fotografia pode tanto reforçar esses enquadramentos quanto rompê-los. Fotos tiradas livremente em locais como Abu Ghraib podiam servir para o prazer triunfalista dos torturadores, ignorando as normas de proteção à vida. Por outro lado, quando a fotografia consegue “enquadrar o enquadramento” (Butler, 2024, pg. 24), (expor o próprio mecanismo que restringe a visão), ela pode despertar indignação e tornar visível a precariedade daquela vida que o Estado tentou apagar. Em suma, Butler defende que a guerra atua sobre os sentidos, fazendo-nos sentir indignação diante de uma forma de violência e “justificada indiferença”, (Butler, 2024, pg. 62) diante de outra, processo no qual a mídia e a fotografia acríticas são peças fundamentais.

Igualmente pertinente a esta pesquisa é o livro *Três Guinéus* ([1938], 2019), de Virginia Woolf, que argumenta que a guerra é um fenômeno intrinsecamente ligado ao universo masculino. Ela afirma que “guerrear tem sido, desde sempre, hábito do homem, não da mulher” (Woolf, 2019, p. 16). Segundo a autora, essa diferença não se baseia em instintos inatos, mas sim em leis e práticas sociais que moldaram uma disparidade de comportamento entre os sexos. Para Woolf, os homens encontram na guerra “alguma glória, alguma

⁸ Durante a criação do corpus notou-se que a impossibilidade de incorporação e livre circulação de correspondentes jornalísticos internacionais na Faixa de Gaza decorre de limitações diversas, incluindo uma política sistêmica de cerco e extrema insegurança física perpetrada pelas forças de ocupação. Sob a égide da necropolítica (MBEMBE, 2018), o ecossistema informacional é intencionalmente asfixiado, já que para além do bloqueio de fronteiras a repórteres estrangeiros, existe uma infraestrutura de telecomunicações que é constantemente destruída e jornalistas locais são alvos diretos dessa violência letal. Portanto, o fazer jornalístico analisado no corpus desta pesquisa é operado sob condições de risco extremo e confinamento territorial, o que desafia os critérios convencionais de apuração e confere ao registro testemunhal e fotorreportístico local o estatuto de documento histórico de resistência.

necessidade, alguma satisfação” que é estranha à experiência feminina (Woolf, 2019, p. 199). Além disso, ela estabelece uma conexão direta entre o patriarcado e a beligerância, sugerindo que a hierarquia e a agressividade cultivadas em meninos resultam em “guerras frequentes” em nível internacional. A autora, então, conclui que “é da natureza do homem e, na verdade, da essência da masculinidade, lutar” (Woolf, 2019, p. 222-223).

CAPÍTULO 2 - JORNALISMO DE GUERRA

Para compreender a *Al Jazeera* como objeto de estudo, é necessário analisá-la para além de sua definição básica de emissora de televisão. Fundada em 1996 em Doha, no Catar, a rede surgiu não apenas como um canal de notícias, mas como um ator político central no Oriente Médio e uma ferramenta de projeção internacional. A partir de análises feitas para a pesquisa, entende-se que a emissora opera em uma zona de tensão entre a inovação jornalística, a estratégia de Estado (*soft power*⁹) e a resistência a narrativas hegemônicas ocidentais.

A gênese da *Al Jazeera* está diretamente ligada ao fechamento do serviço árabe da *BBC* em 1996, ocorrido devido a pressões políticas da Arábia Saudita. Segundo Castilho (2013), boa parte dos profissionais da rede britânica migrou para a nascente emissora do Catar, levando consigo um padrão de jornalismo que buscava independência, mas adaptado à realidade local.

Essa adaptação resultou no que os pesquisadores Adel Iskandar e Mohammed El-Nawawy, citados por Castilho (2013), definem como “objetividade contextual”. Diferente da objetividade fria e supostamente neutra do jornalismo ocidental, a *Al Jazeera* busca apresentar os fatos refletindo as percepções, valores culturais e sentimentos do seu público-alvo árabe. Seu lema, “A opinião e a outra opinião” (*Al-Rai wa Al-Rai Al-Akher*, no original em árabe), sintetiza essa busca por reverberar a voz de atores historicamente marginalizados na região (De Rocchi, 2024).

Apesar de sua estrutura empresarial ter mudado em 2002, quando investidores privados assumiram o controle acionário na tentativa de desvincular a emissora do governo (Castilho, 2013), a análise de Denise De Rocchi (2024) sugere que a rede permanece intrinsecamente ligada à política externa do Catar.

Pode-se afirmar que a agência foi criada pelo Emir Hamad bin Khalifa Al Thani logo após um golpe de Estado em 1995, e serviu como pilar de modernização e proteção do pequeno emirado¹⁰. De Rocchi argumenta que a emissora funciona como um instrumento de

⁹ O Soft Power (poder brando ou suave) é um conceito fundamental das Relações Internacionais, desenvolvido originalmente por Joseph Nye, que se refere à capacidade de um Estado de influenciar o comportamento e os interesses de outros atores por meio da atração e persuasão, em vez da coerção (poder militar) ou de incentivos econômicos (poder financeiro). (De Rocchi, 2024, p. 362).

¹⁰ O Catar é uma monarquia situada na península do Golfo Árabe (Oriente Médio), governada pela família Al Thani desde sua independência do protetorado britânico em 1971. Caracteriza-se por ser um “Estado pequeno” com uma extensão territorial de aproximadamente 11,6 mil km² (embora a fonte cite 11,6 km²) e uma população inferior a 3 milhões de habitantes. Devido à sua dimensão geográfica reduzida e capacidade militar limitada, o

projeção internacional, permitindo que o Catar exerça influência desproporcional ao seu tamanho geográfico. Na cobertura de conflitos como a Guerra da Síria, por exemplo, a linha editorial da emissora frequentemente se alinha aos interesses estratégicos de Doha, apoiando grupos rebeldes e promovendo discursos de direitos humanos quando estes coincidem com a agenda política catariana.

A relevância da *Al Jazeera* atingiu um novo patamar durante a Primavera Árabe (2011). Lopes (2013) destaca que a emissora não apenas cobriu os eventos, mas atuou como um agente mobilizador, especialmente no Egito. Ao integrar o conteúdo gerado por usuários (*User Generated Content*) e as redes sociais em sua programação, a *Al Jazeera* rompeu o bloqueio informativo imposto pelos regimes ditatoriais. De Rocchi (2024, p. 373) observa que a emissora criou “novos fluxos de agendamento”, transferindo a saliência dos temas debatidos nas mídias sociais para a agenda da mídia tradicional global. Nesse contexto, ela se consolidou como uma força contra-hegemônica, desafiando o monopólio narrativo estatal e ocidental.

A expansão para o público global e norte-americano (com a *Al Jazeera English* e a extinta *Al Jazeera America*) enfrentou barreiras significativas. Castilho (2013) relata a guerra ideológica enfrentada pela rede ao tentar entrar nos Estados Unidos, onde parte do público e do mercado publicitário ainda associava a emissora ao terrorismo e ao fundamentalismo islâmico — um estigma herdado da transmissão de vídeos de Osama Bin Laden e da cobertura crítica à Guerra ao Terror pós-11 de setembro.

Essa tensão revela o duplo caráter da *Al Jazeera*: para o público árabe, um símbolo de liberdade de expressão e resistência; para setores conservadores do Ocidente, um veículo suspeito possivelmente aliado a terroristas. Contudo, como aponta Castilho (2013), sua presença obriga o jornalismo ocidental a revisar seus próprios padrões e a confrontar visões de mundo que divergem da narrativa norte-americana.

2.1. Crise no jornalismo

A intersecção entre a crise estrutural do jornalismo contemporâneo e a cobertura de conflitos armados revela uma fratura exposta na capacidade da imprensa de atuar como garantidora de direitos humanos. Essa função do jornalismo é reforçada por diretrizes de

país reorientou sua política externa para buscar projeção internacional e segurança, investindo pesadamente em diplomacia pública e instrumentos de *soft power*, como a rede *Al Jazeera*. (De Rocchi, 2024, p. 368-399).

organismos internacionais, como a UNICEF¹¹, que estabelecem que o jornalismo ético deve servir ao interesse público sem comprometer os direitos de crianças e adolescentes. Esses princípios exigem que a imprensa evite estereótipos, respeite identidades e forneça contextos precisos, garantindo que os grupos mais vulneráveis tenham suas opiniões ouvidas e sejam protegidos de danos. Além disso, o Direito Internacional Humanitário e a Convenção sobre os Direitos da Criança¹² preveem que a mídia deve promover o bem-estar social e moral das crianças, especialmente em zonas de conflito. Ao observarmos a atual catástrofe humanitária na Palestina, torna-se evidente que o enfraquecimento das instituições jornalísticas tradicionais não é apenas um problema de modelo de negócios, mas uma falha sistêmica que impacta diretamente a visibilidade e a compreensão da dor do outro, além de violar sistematicamente direitos de crianças e adolescentes. A crise do jornalismo, portanto, deixa de ser uma questão corporativa para se tornar um agravante da própria crise humanitária.

Para compreender essa dinâmica, é fundamental primeiro definir a natureza dessa crise. Segundo Rogério Christofolletti, o fenômeno não deve ser encarado de forma superficial ou resignada. O autor argumenta que considerar a crise do jornalismo como algo que afeta a governança no setor requer imaginar soluções que passam inevitavelmente por mudanças no âmbito do fazer jornalístico e em como se estabelecem relações com a sociedade (Christofolletti, 2019).

No contexto palestino, essa governança falha se manifesta na impossibilidade de garantir a segurança básica dos profissionais da imprensa (com centenas de jornalistas mortos em Gaza, como apontam relatórios recentes de entidades internacionais) e na dependência extrema de narrativas oficiais ou de *freelancers* locais que operam sob risco de extermínio. O

¹¹ As diretrizes de jornalismo ético formuladas pelo UNICEF estabelecem que a cobertura midiática envolvendo crianças e adolescentes deve priorizar, incondicionalmente, o princípio do melhor interesse do menor sobre qualquer pretensão informativa, comercial ou de engajamento público. O documento orienta a prática jornalística a mitigar riscos de estigmatização e represálias, vedando abordagens que revitimizem ou exponham o público infantojuvenil a constrangimentos. Entre as determinações imperativas, destacam-se a proibição de encenações, a necessidade de consentimento livre e esclarecido dos responsáveis e a obrigatoriedade de alteração de nomes e ocultação da identidade visual em casos de extrema vulnerabilidade, como no caso de menores vítimas de abuso sexual, refugiados ou infratores. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Diretrizes para reportagens éticas*: princípios-chave para uma reportagem responsável sobre crianças, adolescentes e jovens. Brasília, DF: UNICEF Brasil, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/diretrizes-para-reportagens-eticas>. Acesso em: 26 maio 2026.

¹² Adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989 e ratificada pelo Brasil em 24 de setembro de 1990, a Convenção sobre os Direitos da Criança é o instrumento de direitos humanos mais amplamente aceito na história universal. O tratado define juridicamente como criança qualquer indivíduo com menos de 18 anos de idade (Artigo 1º) e estabelece princípios basilares de proteção internacional, destacando-se a garantia de não discriminação (Artigo 2º) e a primazia do “melhor interesse da criança” em todas as ações institucionais públicas ou privadas (Artigo 3º). FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Convenção sobre os Direitos da Criança: texto completo da Convenção e seus Protocolos Facultativos*. Brasília, DF: UNICEF Brasil, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 26 maio 2026.

conflito na Faixa de Gaza consolidou-se como o cenário mais letal da história contemporânea para os profissionais de comunicação, segundo dados do projeto Costs of War, vinculado ao Watson Institute for International and Public Affairs (Turse, 2025). Até abril de 2025, registrou-se o assassinato de 232 jornalistas na região, resultando em uma média de 13 mortes por mês. Esse índice de letalidade supera o total de jornalistas mortos, somando-se a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a Guerra do Vietnã, os conflitos na Iugoslávia e a intervenção dos Estados Unidos no Afeganistão.

Embora uma parcela expressiva dessas baixas decorra dos bombardeios generalizados que vitimam a população civil, investigações da organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF) apontam que, até o fim de 2024, pelo menos 35 jornalistas foram alvos deliberados de ataques das forças militares israelenses em razão de suas atividades profissionais (ISRAEL'S..., 2025). Entre as vítimas de ataques direcionados estão os repórteres Hamza Dahdouh e Hossam Shabat, ambos vinculados à rede Al Jazeera. De acordo com o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ), acusações governamentais de que esses profissionais atuariam de forma clandestina junto ao Hamas têm sido utilizadas de maneira recorrente pelas forças de Israel sem a apresentação de evidências empíricas, servindo de pretexto para legitimar execuções ou maus-tratos (ISRAEL'S..., 2025). Por fim, o relatório destaca que o bloqueio quase total imposto à entrada de correspondentes estrangeiros transfere de forma desproporcional os riscos e a vulnerabilidade econômica aos repórteres locais, transformando as zonas de conflito em verdadeiros "cemitérios de notícias" decorrentes da censura coordenada e da violência sistemática (ISRAEL'S..., 2025).

A crise financeira e institucional das grandes redações resultou no fechamento de sucursais e na precarização do correspondente internacional, criando vácuos de informação que são rapidamente preenchidos por desinformação e propaganda de guerra. Este cenário é ilustrado por episódios recentes de demissões em massa em veículos de prestígio, como o *Washington Post*¹³, que desativou sucursais em zonas de conflito crítico, a exemplo da Ucrânia que ocorre desde 2022, deixando profissionais em campo desprovidos do suporte

¹³ Sobre a crise das sucursais internacionais, Carlos Castilho (2026) analisa que o “passaralho” (demissão em massa) no *The Washington Post* resultou no fechamento de 10 postos de correspondentes no exterior. Segundo o autor, essa decisão de Jeff Bezos evidencia uma segmentação perigosa onde a imprensa global passa a servir apenas às elites e tomadores de decisão, deixando um “vácuo” informativo em zonas de conflito e temas locais. CASTILHO, Carlos. Futuro do Jornalismo: Caso Washington Post revela tendências na diferenciação da imprensa. **Observatório da Imprensa**, ed. 1375, 12 fev. 2026. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 22 maio 2026.

institucional e da infraestrutura de segurança necessários para a cobertura durante um conflito duradouro com a Rússia.

Christofoletti nos lembra que a solução para esse impasse exige uma refundação do pacto com o público. O autor defende que, para construir um jornalismo de novo tipo, é necessário repactuar, inovar e repartir, assim como ver, observar e olhar (Christofoletti, 2019). No entanto, a mera superação da crise de governança não implica, automaticamente, na construção de um jornalismo em outras bases que seja ético e comprometido com as pautas de descolonização. O que observamos na cobertura ocidental da Palestina, por exemplo, é frequentemente o oposto do que defendemos como jornalismo decolonial: uma estrutura verticalizada que marginaliza as vozes das vítimas. A jornalista Vidya Krishnan¹⁴ reitera que a cobertura ocidental de Gaza é um caso de livro didático do 'jornalismo do colonizador'. Segundo ela, as organizações de notícias ocidentais frequentemente publicam alegações não comprovadas, adotam apenas um lado da história para justificar violações do direito internacional por parte de Israel, e tratam o sofrimento palestino de forma voyeurística, sem bússola moral.

A crise de credibilidade, outro pilar apontado por Christofoletti, agrava-se quando o público percebe a assimetria no tratamento das vidas humanas. O jornalismo, que segundo o autor pode se tornar mais aberto ao público, horizontalizado e democrático nas decisões, mais plural, transparente, dinâmico e convidativo à sociedade (Christofoletti, 2019), falha nessa missão quando se torna impermeável ao sofrimento de populações inteiras cercadas por bloqueios militares e informativos.

Portanto, analisar a cobertura jornalística de guerra sob a ótica de Christofoletti exige reconhecer que as velhas molduras da empresa noticiosa já não dão conta da complexidade e da urgência do presente. Como o autor destaca, o jornalismo não é exercido atualmente apenas sob a moldura da empresa noticiosa. Ele pode ser praticado por coletivos e indivíduos, de forma isolada ou cooperativa (Christofoletti, 2019). É justamente nesses novos arranjos — nos coletivos de mídia independente, nos jornalistas-cidadãos palestinos que documentam seu próprio extermínio via redes sociais — que reside, talvez, a única esperança de manter vivo o registro histórico do que ocorre em Gaza, desafiando a paralisia e o silêncio impostos pela crise do modelo tradicional.

¹⁴ KRISHNAN, Vidya. Western coverage of Gaza: a textbook case of coloniser's journalism. **Al Jazeera**, 2 fev. 2024. Opinion. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2024/2/2/western-coverage-of-gaza-a-textbook-case-of-colonisers-journalism>. Acesso em: 22 maio 2026.

O documentário *No Other Land* (2024) é a materialização quase perfeita do conceito de Christoforetti sobre o jornalismo praticado fora das molduras empresariais tradicionais. Premiado no Festival de Berlim (Melhor Documentário e Prêmio do Público) e vencedor do Oscar de Melhor Documentário em 2025, o filme não é apenas uma obra cinematográfica, e sim um ato de resistência jornalística e política. Diferente dos enviados internacionais dos grandes veículos que muitas vezes narram o conflito de longe, *No Other Land*¹⁵ foi realizado por um coletivo palestino-israelense de quatro ativistas e jornalistas: Basel Adra, Hamdan Ballal, Yuval Abraham e Rachel Szor, que ativamente construíram a obra dentro do território afetado pela guerra, mesmo sob risco de vida, sofrendo represálias, censuras e perseguições.

Essa aliança exemplifica o que Christoforetti aponta como os novos arranjos cooperativos, com a autoria local de Basel Adra, um jovem palestino da região de Masafer Yatta (Cisjordânia), que começou a filmar a destruição de sua própria comunidade ainda adolescente. Aqui, o jornalista-cidadão não é um observador, mas a própria vítima que usa a lente para impedir que o extermínio de sua aldeia ocorra em silêncio, e o desenquadramento da notícia ocorre enquanto o documentário foca na demolição sistemática de casas e na expulsão de famílias para a criação de zonas de treinamento militar, dando causa, rosto e nome à notícia. Um dos momentos mais potentes, e que ecoa nas discussões sobre ética jornalística, é o contraste entre os dois diretores principais, Basel e Yuval (israelense), já que o segundo pode se mover livremente, goza de direitos civis e retorna para uma casa segura, enquanto o primeiro, que é palestino, vive sob lei militar, vê seu vilarejo ser demolido e corre risco constante de prisão ou morte.

A amizade desigual entre os dois escancara a crise do modelo tradicional de objetividade ou neutralidade, e nesse ponto o documentário nunca tenta ser neutro, ele assume um compromisso com a justiça e a memória, justamente para desafiar o apagamento histórico. Se Christoforetti (2019) argumenta que o jornalismo hoje é um campo de tensões em que os indivíduos e coletivos disputam o sentido do real, *No Other Land* é a prova de que a tecnologia (câmeras de mão, celulares, redes sociais e edição colaborativa) permitiu que o registro histórico sobrevivesse ao apagão jornalístico imposto em zonas de guerra. “Eles destroem, nós filmamos.” Essa frase, dita por Basel Adra, resume o espírito do documentário e é a tradução prática de um jornalismo que entende sua função social como a última barreira contra a barbárie.

¹⁵ *No Other Land (Sem Chão)* — Ano: 2024. Duração: 96 min. Produtora: Yabayay Media / Antipode Films. Onde ver: Prime Video, Apple TV e Google Play Movies.

2.2. Pensando o fotojornalismo e a cobertura jornalística em conflitos

A construção metodológica deste trabalho não se limita à análise dos textos ou à descrição iconográfica das imagens das reportagens selecionadas. Ela exige, antes, um posicionamento ético e político frente ao ato de olhar, especialmente quando o objeto de análise é a dor e a resistência em contextos de opressão sistêmica, como o da Palestina. Para tanto, busco inspiração na práxis decolonial do fotógrafo brasileiro Walter Firmo e na crítica à ontologia da fotografia formulada por Ariella Azoulay.

A obra de Walter Firmo nos ensina que a fotografia pode ser um instrumento de reencantamento e dignificação, opondo-se à captura predatória da imagem do “outro”. Ao analisar a produção de Firmo, percebe-se uma “aposta na cor como elemento transfigurador do real”, em que a fotografia atua na “construção de um imaginário positivo sobre a negritude e a cultura popular brasileira” (Tramontano et al., 2023, p. 3). Essa abordagem decolonial, que recusa o registro passivo da subalternidade, é fundamental para a metodologia desta pesquisa. Transpondo essa lógica para o contexto deste TCC, busco nas imagens não apenas o registro da morte, mas os indícios de vida e humanidade que persistem apesar da destruição.

A resistência palestina não se manifesta apenas no campo político, mas também na afirmação da existência e da dignidade através da cultura. A poeta palestino-canadense Rafeef Ziadah, em sua performance do poema *We Teach Life, Sir*, sintetiza a tensão entre a humanidade do povo ocupado e a forma como suas mortes são processadas pela mídia ocidental:

Nós ensinamos a vida, senhor.

Nós, palestinos, ensinamos a vida depois de terem ocupado o último céu.

Nós ensinamos a vida depois de terem construído seus assentamentos e muros de apartheid, depois dos últimos céus.

Nós ensinamos a vida, senhor.

Mas hoje, meu corpo foi um massacre televisivo feito para caber em frases de efeito e limites de palavras

(Ziadah, 2011, tradução nossa).¹⁶

¹⁶ Poema: *We teach life, sir*.

We Palestinians teach life after they have occupied the last sky./We teach life after they have built their settlements and apartheid walls, after the last skies./We teach life, sir./But today, my body was a TV'd massacre made to fit into sound-bites and word limits. - Rafeef Ziadah

O verso “meu corpo foi um massacre televisivo feito para caber em frases de efeito” dialoga diretamente com a crítica à cobertura jornalística contemporânea. Como observado anteriormente, a fragmentação da dor palestina em estatísticas e a sua redução a limites de palavras — onde o termo massacre é raramente aplicado às vítimas de Gaza (Johnson, 2024) — reforça o que Ziadah denuncia: a transformação da tragédia humana em um produto midiático palatável e desprovido de contexto histórico.

Essa postura dialoga com a necessidade de 'desaprender' os automatismos do olhar imperialista. Em sua tese, Lage (2021, p. 65) recupera as proposições de Azoulay (2010) para definir a fotografia não como o ato isolado do 'clique', mas como um evento cívico resultante do encontro e da interação entre diversos protagonistas, sendo estes o fotógrafo, fotografado e espectador. Sob essa ótica, pode-se argumentar que o observador deve recusar a imparcialidade, entendendo que o ato fotográfico está inserido em estruturas sociais e históricas que tornam possível a operação técnica do aparelho e a própria existência da imagem como um campo de forças. Sob essa ótica, a imagem deixa de ser um objeto estático e passa a ser compreendida como um campo de forças onde estruturas militares, políticas e midiáticas disputam o direito à existência e ao sentido.

Essa desconstrução do olhar encontra eco na produção acadêmica brasileira recente sobre o território ocupado. Ao investigar a infância palestina sob as lentes de Mohammed Salem, Moraes (2025) propõe um deslocamento ético: a transição da imagem da “vítima absoluta” para a do “sujeito histórico que resiste”. Para a autora, o exercício crítico consiste em identificar, para além da destruição física, a “potência da vida que se recusa a ser apagada pelos escombros” (Moraes, 2025, p. 42).

Portanto, a compreensão do fotojornalismo neste trabalho não se dá por uma via meramente documental, mas pela fusão de três pilares conceituais que sustentam a análise. O primeiro sendo **a ética da dignidade**, de Walter Firmo, que orienta a busca pela soberania e pela luz própria do sujeito, mesmo em cenários de privação; O segundo é **a crítica ao imperialismo visual**, de Ariella Azoulay, que impõe o questionamento sobre os mecanismos que transformam a violência em espetáculo consumível e desistoricizado; e por fim, **a estética da resistência**, de Isabella Garcia Moraes, que serve de lente para interpretar a infância palestina não como uma condição de passividade, mas como uma agência que se reafirma “mesmo sob cerco” (Moraes, 2025, p. 51).

Ao juntar essas perspectivas, a análise fotográfica aqui proposta abdica do inventário de tragédias para se tornar um gesto de escavação. Trata-se de buscar, nas fissuras das

imagens, a humanidade que o projeto colonial tenta incessantemente soterrar sob o peso das ruínas.

2.3. Entre o testemunho e a construção: o jornalismo de guerra e a representação de mulheres e crianças

A cobertura jornalística de guerras não é um mero espelho da realidade, mas um agente ativo na construção de narrativas e na mobilização da opinião pública. No contexto específico da Palestina e Israel, Baldin e Ramos (2023) argumentam que a mídia noticiosa desempenha um papel “co-constitutivo” (Baldin; Ramos, 2023, p. 299) no que definem como um “conflito permanente” (Baldin; Ramos, 2023, p. 300-301). Diferente de guerras com início e fim demarcados, a violência nessa região é contínua e estrutural, o que cria uma profunda dependência da cobertura noticiosa para que os atores envolvidos legitimem suas ações e/ou mobilizem apoio internacional.

As autoras destacam que, especialmente durante as Intifadas¹⁷, a mídia foi central para o sucesso ou fracasso dos movimentos, evidenciando que o jornalismo não apenas relata, mas molda a percepção do conflito. Nesse cenário, a “batalha das narrativas” (Baldin; Ramos, 2023, p. 303) torna-se tão importante quanto o confronto militar físico.

Para compreender como a guerra é visualizada, Georges Didi-Huberman (2017) nos lembra que, diante da dor e da destruição, é necessário “tomar posição”. Analisando a obra de Bertolt Brecht (*Kriegsfibel* ou *ABC da Guerra*), o autor explora como a fotografia de guerra pode ser lida não apenas como documento, mas como uma montagem dialética que expõe a “desordem do mundo”.

Didi-Huberman aponta para a capacidade das imagens de revelarem a brutalidade humana, citando Brecht: “o homem é um lobo para o homem”. Contudo, ele também alerta para a necessidade de “desconstruir e remontar” essas imagens para que elas se tornem legíveis e não apenas sensacionalistas. A imagem de guerra exige um olhar que vá além do choque imediato e busque a estrutura histórica que permitiu tal violência.

¹⁷ As Intifadas são períodos de levante popular e resistência da população palestina contra a ocupação militar de Israel nos territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. O termo, de origem árabe, significa literalmente “levante” ou “insurreição”. A primeira Intifada (1987-1993): iniciou-se em dezembro de 1987, sendo um movimento de base majoritariamente não violento, que mobilizou jovens, mulheres e comitês populares em táticas de desobediência civil e autossustentabilidade. A segunda Intifada (2000-2005): eclodiu em setembro de 2000, após a visita provocativa de Ariel Sharon ao complexo da Mesquita de Al-Aqsa, assumindo um caráter muito mais militarizado e sangrento, marcado por confrontos armados e represálias severas por parte de Israel. (Pappé, 2024. p. 116)

De acordo com Reginato (2019), uma das finalidades primordiais do jornalismo é atuar como um instrumento de registro e de memória. Essa função não se limita à acumulação de dados, mas sim à seleção e organização de acontecimentos que a sociedade considera dignos de serem preservados para o futuro. Ao registrar o presente, o jornalismo oferece os subsídios para o que entenderemos, futuramente, como história. A autora reforça a ideia clássica de que o jornalismo produz o “primeiro rascunho da história”. Entretanto, Reginato aprofunda essa visão ao explicar que o jornalismo ajuda a organizar a experiência temporal subjetiva do público. Em um mundo de fluxos informativos caóticos, o registro jornalístico atua como um recurso simbólico que ordena o presente, tornando-o compreensível e coerente. O jornalismo estabelece “marcos de memória” que permitem que grandes grupos de pessoas compartilhem significados. No contexto de conflitos, como a guerra na Palestina, o jornalismo de registro é o que impede o apagamento de corpos e eventos. Reginato destaca que essa finalidade indica definições temporais sobre os modos de viver o presente, estabelecendo quais saberes são considerados contemporâneos e quais valores são hegemônicos. É importante notar a distinção que a autora faz:

- Registrar a história: É o ato de documentar o fato para que ele não se perca no tempo (o arquivo).
- Construir memória: É a função social de manter esses fatos vivos no debate público, permitindo que a sociedade aprenda ou se mobilize a partir deles.

No jornalismo de guerra, crianças e mulheres ocupam frequentemente o lugar da vítima ideal, símbolos de inocência violada que geram comoção imediata. Musse et al. (2023) analisam especificamente como o telejornalismo brasileiro (o programa *Fantástico*) construiu narrativas sobre crianças no início do conflito Israel-Hamas em outubro de 2023. O estudo aponta que, após os ataques de 7 de outubro e o subsequente bombardeio sistemático da Faixa de Gaza, as narrativas jornalísticas focaram intensamente na figura da criança para humanizar a tragédia estatística. A representação da infância em cenários de destruição serve como um termômetro moral do conflito, no entanto, essa exposição pode oscilar entre a denúncia necessária e a espetacularização do sofrimento.

Didi-Huberman (2017) traz exemplos históricos pungentes dessa representação. Ele descreve pranchas do *ABC da Guerra* que mostram um pai e uma mãe identificando o corpo do filho em uma cidade retomada, ou a imagem de crianças brincando de guerra em ruínas. Essas imagens, segundo o autor, funcionam como signos que condensam a tragédia: a guerra não atinge apenas os combatentes, mas desmantela a estrutura familiar e o futuro (simbolizado pela criança). A presença feminina, muitas vezes atrelada ao papel materno na

imagética de guerra analisada por Didi-Huberman (como a mãe diante do corpo do filho), reforça a dimensão da perda irreparável. A mulher e a criança tornam-se, assim, as figuras centrais em que a frieza do que representa o militar colide com a realidade humana.

O jornalismo de guerra, ao cobrir conflitos de longa duração ou explosões recentes de violência, opera em um campo de tensão. Como mostram Baldin e Ramos (2023), ele é parte integrante da dinâmica do conflito, e as imagens produzidas, conforme analisado por Didi-Huberman (2017) e Musse et al. (2023), tomam posição ao escolher enquadrar a dor de crianças e mulheres. Essas representações são fundamentais para criar empatia, mas exigem do espectador uma leitura crítica que, como sugere Brecht (2004), não apenas consuma a imagem da dor, mas compreenda as engrenagens que a produzem.

Para compreender o fotojornalismo de forma profunda, é necessário observar o acontecimento jornalístico através das marcas que o processo de produção deixa no produto final. Segundo o protocolo metodológico de análise de cobertura jornalística (ACJ), o texto visual e as decisões editoriais (como enquadramento e localização na página, no caso do impresso) revelam estratégias de apuração e a dimensão organizacional do veículo. Essa abordagem desvincula a ideia de produto da mera mensagem, permitindo investigar como o percurso do jornalista (o seu *modus operandi*) manifesta-se na imagem publicada. A prática fotojornalística alicerça-se na disciplina da verificação (Silva; Maia, 2011), um método singular para acessar fontes e checar informações que deve vir à tona no produto para garantir a transparência ao público.

CAPÍTULO 3 - O CORPO-CRIANÇA EM GAZA: DA NECROPOLÍTICA À GRAMÁTICA DA OMISSÃO

A mídia ocidental muitas vezes relata mortes de crianças de forma passiva, como se fossem eventos aleatórios da natureza, o trabalho de fotojornalistas locais, como Mohammed Salem, busca dar “significado no coração”¹⁸ às imagens, humanizando os rostos palestinos. Contudo, essa tentativa de humanização visual trava uma batalha constante contra o enquadramento textual que a sustenta.

Argumento que isso ocorre porque a construção da narrativa jornalística não se encerra na escolha dos fatos ou na força das imagens, mas manifesta-se, também, na arquitetura gramatical da oração. É também por meio da linguagem escrita que se valida, ou se apaga, a humanidade revelada pela lente. Ao selecionar vozes verbais ativas ou passivas, o jornalismo estabelece uma hierarquia de responsabilidades e visibilidade entre os atores sociais. Um exemplo crítico dessa dinâmica ocorre na substituição do termo “foram mortas” por “morreram”, processo que Sallorenzo (2021) define como redução de valência verbal para o apagamento do agente.

No artigo *Western coverage of Gaza: A textbook case of coloniser’s journalism*, a jornalista investigativa Vidya Krishnan (2024) propõe o conceito de “gramática da omissão”, baseada em uma análise da língua inglesa que discute o uso de verbos como *kill* (matar) e *die* (morrer) e a variação entre voz ativa e passiva para encobrir ou explicitar os agentes da violência. No entanto, a transposição direta dessa perspectiva para a língua portuguesa é estruturalmente problemática e inadequada para uma análise aprofundada neste trabalho. A discussão, derivada de um artigo de opinião, demonstra apenas parcialmente o fenômeno, pois em português o comportamento dos verbos e das vozes verbais não corresponde de forma exata às categorias analisadas no inglês. Contudo, o conceito mostra-se pertinente de maneira mais ampla.

Krishnan (2024) argumenta que essa “gramática da omissão” tende a naturalizar a fatalidade, transformando um ato de agressão em um acontecimento biológico ou circunstancial, além de usar a gramática como ferramenta de hierarquização. A autora argumenta que a imprensa ocidental usa a linguagem como uma arma para apagar a

¹⁸ O fotógrafo Mohammed Salem, baseado em Gaza, descreve sua perspectiva profissional: “Uma imagem não deve ser tirada apenas com os olhos; ela deve ter um significado no coração”. Fonte: Mohammed Salem, Wider Image, Reuters. Disponível em: <https://widerimage.reuters.com/photographer/mohammed-salem.html>. Acesso em: 27 de maio de 2026.

humanidade do colonizado, tratando mortes violentas como atos aleatórios de Deus ou fatalidades naturais por meio da voz passiva ou de verbos intransitivos.

Sallorenzo, em sua dissertação *Gramática e Manipulação* (2018), utiliza a Linguística Centrada no Uso para explicar exatamente como esses mecanismos funcionam. O trabalho nos ajuda a pensar na redução de valência e apagamento do agente. Sallorenzo (2018) explica que a voz passiva¹⁹ (como “foram mortas”) é um processo de redução de valência verbal na língua portuguesa. Ela destaca que essa operação tem a função de dar destaque ao paciente, mas também de promover o apagamento do agente, que deixa de ser obrigatório sintaticamente.

Esse “jornalismo do colonizador” apaga a humanidade das crianças ao tratá-las como meras hordas de estatísticas para justificar violações do direito internacional (Krishnan, 2024). No entanto, essa desarticulação da subjetividade infantil não ocorre exclusivamente através da violência bélica ou do apagamento gramatical em tempos de conflito. O controle sobre a percepção da infância manifesta-se também em contextos de aparente normalidade democrática, em que a lógica da crueldade pode assumir contornos econômicos.

E é justamente aí que entra o “corpo-criança” como condição discursiva. A definição de Nádia Nunes Lage (2021), que propõe que esse corpo é uma estrutura simbólica capaz de “engajar afetos, assinalar condições, estimular percepções e condutas” (Lage, 2021, p. 13). A figuração visual do que se denomina corpo-criança opera como um vetor de significações que, no fotojornalismo, deixa de ser apenas uma estatística para se tornar uma “vida precária”, que retorna ao sentido de Judith Butler: uma existência sujeita à injúria e à morte pela desigualdade e violência de um Estado ocupante, e também à necropolítica: existem corpos matáveis, corpos que devem receber violência colonial para que outros corpos vivam.

A conexão entre a infância palestina e o conceito de “vidas precárias” de Butler é estabelecida por Isabella Garcia Morais (2025, p. 11), que define essas vidas como aquelas “sujeitas à injúria, agressão, rejeição e morte, causadas pela desigualdade social e violência”. A autora aplica esse conceito à realidade palestina, em que a infância é marcada pela “impossibilidade da soberania enquanto povo” e pelas violências de um “Estado constituído (Israel)”. Na Faixa de Gaza, onde mais de 69% das construções foram atingidas²⁰, os

¹⁹ Apesar de Sallorenzo (2018) criticar o uso da voz passiva por promover a redução da valência verbal e o consequente apagamento do agente da ação, constata-se uma preferência estratégica pela estrutura passiva em detrimento da ativa. É imperativo reconhecer que a discussão se estende para além da escolha meramente sintática da voz verbal. A restrição do debate a essa dimensão superficial resulta em equívocos conceituais e conduz a um aprofundamento infrutífero, desviando a análise da sua problemática discursiva e política essencial.

²⁰ Dados extraídos de *ONU News*, “Com 69% das estruturas danificadas, habitantes de Gaza ocupam moradias precárias”, 10 de fevereiro de 2025. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2025/02/1844736>.

escombros deixaram de ser apenas entulho para se tornarem a paisagem cotidiana da infância. As marcas da composição do produto, segundo Morais (2025), revelam que as crianças palestinas ressignificam essas ruínas através de:

- brincadeiras de enfrentamento: atos como enfrentar tanques ou simular *checkpoints* são formas de as crianças interpretarem a realidade e agirem politicamente sobre ela;
- profissão de fé nas ruínas: a realização de ritos religiosos, como o Ramadã, em mesquitas destruídas demonstra uma busca por equilíbrio e a manutenção da cultura em meio ao caos;
- ocupação dos destroços: blocos de concreto são transformados em assentos para escolas improvisadas ou suportes para fogueiras, evidenciando uma “antropologia dos escombros”, (Morais, p. 35, 2025) onde a vida insiste em florescer.

Ao articular a fundamentação teórica com a observação da realidade, percebe-se que a infância palestina tensiona as narrativas de desumanização ao preservar a vivacidade da sua subjetividade mesmo sob condições extremas. Para estes sujeitos, a manutenção da existência converte-se num ato de resistência política perante um projeto colonial que visa interditar o seu porvir. Mais do que uma consciência da ocupação territorial, estas crianças confrontam as lógicas de extermínio através da preservação do lúdico e do riso. Assim, as imagens que circulam em redes como o *Instagram* não se limitam ao registo de fatos, e sim estruturam experiências de vulnerabilidade que convocam o espectador a um reconhecimento ético da alteridade.

Em trocas com a minha orientadora, entendemos que pode ser inviável a transposição direta da discussão da língua inglesa para a portuguesa, visto que ambos os sistemas operam sob lógicas semântico-sintáticas distintas. Em português, o comportamento do verbo “morrer” distancia-se de uma correspondência exata com as categorias analisadas no inglês, não se caracterizando como voz passiva nem se restringindo sempre a uma leitura puramente intransitiva. A distinção principal entre os lexos *kill* e *die* reside em traços de agentividade, em que o primeiro pressupõe uma ação desencadeada por um agente externo, ao passo que o segundo remete a um evento involuntário ou acidental centrado no paciente (como “matar” e “morrer”, em português). Infere-se, portanto, que a questão ultrapassa os limites da voz ativa ou do modo verbal, tornando a aplicação direta deste referencial inadequada para o presente corpus. Optou-se por preservar este debate no corpo do trabalho, ainda que revele incongruências para a análise pretendida, justamente para deixar evidentes os problemas e os

limites teóricos encontrados ao longo do percurso investigativo. A resistência que o corpus oferece à aplicação direta de conceitos pensados para o inglês exemplifica a complexidade da pesquisa linguística em contraste com minha língua materna. Assim, a permanência desta seção serve como um registro do processo de construção do conhecimento, demonstrando que identificar onde uma teoria falha ou não se aplica é igualmente importante para o rigor acadêmico quanto encontrar suas convergências.

Com o terreno teórico delimitado, compreendendo a criança como corpo-político sob necropolítica, resta agora submeter o corpus jornalístico aos critérios metodológicos que nos permitirão desvelar se a prática da Al Jazeera condiz com esta estrutura reflexiva. É o que veremos na aplicação do protocolo de análise no próximo capítulo.

3.1. A imagem como monumento à memória

O fotojornalismo de guerra é uma prática complexa que se situa na união entre o objeto fotográfico e as rotinas informativas, consolidando-se como uma articulação de cunho social, cultural, histórico e tecnológico (Lage, 2021). Mais do que o simples registro do visível, ele se afirma como um protagonista da relação entre fotografia e discurso, agindo na construção de significados sobre os acontecimentos mundiais, (Lage, 2021). Historicamente, o gênero ganhou vigor a partir da década de 1920 com as revistas ilustradas, que conferiram à imagem um papel central e uma intenção testemunhal afinada com a expressão do acontecimento.

Voltando a pensar o corpo-criança, que opera como uma condição discursiva e vetor de significações que engaja afetos e mobiliza percepções sociais sobre a vulnerabilidade e a pureza, a figuração de crianças em contextos de guerra (como a icônica imagem da “menina de napalm” de Nguyen Thanh Nghe²¹, da menina Kim Phúc²² ou as fotografias de Omran Daqneesh²³ e Aylan Kurdi²⁴) atua como um apelo compassivo que crava raízes na história dos

²¹ O documentário *The Stringer* (2025), dirigido por Bao Nguyen, apresenta evidências forenses e testemunhais de que a autoria da célebre imagem — historicamente creditada a Nick Ut (AP) — pertenceria, na verdade, ao fotógrafo freelancer vietnamita Nguyen Thanh Nghe. Segundo Albertoni (2026), o episódio exemplifica os mecanismos de extração de recursos intelectuais do Sul Global por agências ocidentais, em que o trabalho do stringer local é apropriado por instituições metropolitanas para a construção de mitos fundadores do fotojornalismo hegemônico.

²² Fotografia de 1972, representa uma criança vietnamita de 9 anos fotografada fugindo nua de um ataque de napalm (fogo tóxico advindo de armas químicas) em sua vila, Trang Bang.

²³ O menino na ambulância, fotografia de 2016, registra um menino de 5 anos resgatado de um bombardeio em Aleppo, na Síria. A imagem o mostra sentado em uma cadeira de ambulância, coberto de poeira e sangue, com um olhar de choque profundo, sem chorar. Diferente de Aylan (que estava morto), Omran está vivo, mas sua infância foi, de certa forma, congelada naquela imagem de horror.

²⁴ Fotografia de 2015, retrata um bebê curdo-sírio de 3 anos que morreu afogado no Mar Mediterrâneo enquanto sua família tentava fugir da guerra civil na Síria rumo à Europa. A foto de Nilüfer Demir mostra seu corpo sem

acontecimentos. No fotojornalismo, a criança deixa de ser apenas uma estatística para se tornar um rosto levinasiano²⁵, cuja extrema precariedade exige uma resposta ética e o reconhecimento de sua humanidade.

O advento do digital e das plataformas como o Instagram transformou a relação da sociedade com a imagem jornalística (Lage, 2021). O chamado segundo clique da fotografia e o ato de compartilhar inseriram a imagem em um fluxo de circulação imediata e planetária, em que o valor de identificação e o engajamento tornaram-se fundamentais (Lage, 2021). Agências como a Reuters utilizam o Instagram como uma vitrine visual que não apenas atesta ocorrências, mas propõe experiências e diálogos sobre o real (Lage, 2021). No entanto, a abundância de imagens pode gerar uma “fadiga emocional” ou saturação, em que o impacto de tragédias é minimizado pela repetição de convenções estéticas (Lage, 2021).

O fotojornalismo moderno atua como um vicário da experiência visual, modelando discursos que convocam o espectador a participar sinesteticamente da ação retratada (Lage, 2021). As fotografias são resíduos da realidade que, por meio de montagens e serializações, permitem o exercício da imaginação para desvelar sentidos ocultos e construir uma ideia mais sensível da história (Lage, 2021). Seja documentando a “antropologia dos escombros” em Gaza (Morais, 2025) ou celebrando a infância idealizada no Norte Global (Morais, 2025), o fotojornalismo permanece como uma força de comprovação essencial para o espaço público, atribuindo influência sobre o rumo dos acontecimentos históricos com suas capturas (Lage, 2021).

3.2. A infância controlada pelo jornalismo

Não apenas no contexto da guerra, mas de modo geral, o jornalismo controla a infância ao inseri-la em uma lógica mercantilista, em que a criança aparece como “acionadora do consumo” ou como alvo de publicidade disfarçada de conteúdo editorial (Furtado, 2024, p. 95). Esse enquadramento reduz a complexidade da vida infantil ao papel de consumidora de tecnologias ou influenciadora nas decisões de compra dos adultos (Buckingham, 2007 apud Furtado, 2024, p. 95).

vida, de braços, na areia. A foto de Aylan parou o mundo por uma semana, mas não mudou as políticas migratórias da União Europeia.

²⁵ Butler, em seu livro “Vidas Precárias” (2011) fundamenta seu posicionamento no conceito de rosto de Levinas, que impõe uma reivindicação moral incontornável: uma demanda externa que o sujeito não pode recusar. Para a autora, o rosto expõe a vulnerabilidade do Outro, revelando que o imperativo do cuidado nasce justamente da precariedade da vida e do reconhecimento de que sua perda teria importância (Butler, 2011, conceito este que aparece na pesquisa sobre o Corpo-Criança em fotografias da Reuters, de Nadia Nunes Lage).

A infância, portanto, é controlada pelo jornalismo por meio dessa lógica adultocêntrica que silencia a agência das crianças e as enquadra em representações estereotipadas e institucionalizadas (Furtado, 2024). Essa regulação ocorre de diversas formas: institucionalização e validação do adulto, silenciamento e desautorização social, controle por meio do medo jurídico, representação visual e o olhar colonizador, manipulação narrativa em conflitos armados e a criança como objeto de consumo.

O jornalismo frequentemente utiliza a voz da criança não como um sujeito autônomo, mas como uma ferramenta para validar o trabalho de adultos. Na revista *Nova Escola*, por exemplo, as falas infantis servem predominantemente como um aval para atestar a qualidade de projetos pedagógicos de professores (Furtado, 2024). Esse controle cria o que se chama de indignação controlada, em que o discurso da criança sobre problemas (como o preconceito) é permitido apenas se a narrativa levar a uma solução já providenciada pela instituição escolar (Furtado, 2024).

As crianças são frequentemente desautorizadas como fontes competentes, pois a imprensa as enxerga como sujeitos não autônomos e incapazes de uma reflexão crítica racional (Doretto; Costa, 2012 apud Furtado; Doretto, 2023). Mesmo em formatos que deveriam focar na subjetividade, como os perfis da revista *piauí*, as crianças são silenciadas: são os pais, professores ou especialistas que falam sobre e por elas, relegando as crianças a um lugar restritivo e ideologicamente assujeitado (Furtado; Reginato; Fontanive, 2023).

A regulação da infância no jornalismo é pautada mais pelo receio da punição legal (como potenciais infrações ao ECA – muitas vezes mal interpretado) do que pelo compromisso com a cidadania infantil (Furtado; Doretto, 2020 apud Furtado; Reginato; Fontanive, 2023). Isso faz com que os manuais de redação desencorajem a escuta direta de meninos e meninas, tratando-os apenas como objetos passivos de proteção e não como cidadãos com direito à participação social (Furtado; Doretto, 2020 apud Furtado, 2024).

O controle também é exercido pela forma como a imagem da criança é editada para gerar identificação ou piedade no público. Na revista *Veja*, observa-se um olhar colonizador que divide a infância: crianças do Sul Global (África, Ásia, América Latina) são retratadas quase exclusivamente em situações de sofrimento, fome e guerra, enquanto a infância burguesa e branca é apresentada como o ideal de pureza e proteção (Furtado; Doretto, 2023). A criança torna-se, assim, um vetor cognitivo e afetivo usado para despertar sentimentos de terror ou alegria, dependendo da agenda política da publicação (Farah, 2009 apud Furtado; Doretto, 2023).

Essa relação entre o jornalismo e a infância, que é marcada por uma lógica que muitas vezes silencia a voz da criança em favor de discursos adultos ou interesses comerciais, pode ser percebida quando o jornalismo mercantiliza a infância ao enquadrar a criança predominantemente em papéis de consumidora ou acionadora do consumo (Furtado, 2024). Além disso, as empresas têm alto interesse nesse grupo porque as crianças não apenas consomem agora, mas possuem poder de influência nas compras dos pais e representam os adultos que consumirão no futuro (Souza Júnior et al. apud Furtado, 2024).

Como resultado, o jornalismo acaba por temer a criança enquanto fonte (Furtado; Doretto, 2023). Mesmo em reportagens em que as crianças são as protagonistas e não correm risco de exposição negativa, os jornais não incentivam sua escuta direta, preferindo fontes adultas para evitar possíveis complicações legais ou por não saberem como lidar com a imprevisibilidade do discurso infantil (Furtado; Doretto, 2023; Furtado; Reginato; Fontanive, 2023).

CAPÍTULO 4 - ESTRUTURA DA DENÚNCIA: DELINEAMENTO METODOLÓGICO E APLICAÇÃO DO PROTOCOLO (ACJ)

Este capítulo dedica-se ao exame empírico das narrativas construídas pelo portal *Al Jazeera English*, articulando os dados quantitativos e qualitativos obtidos através da aplicação do Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística de Silva e Maia (2011) e o guia *Communicating Palestine* (2023). Estruturada em cinco níveis interdependentes, que percorrem desde os bastidores da apuração e a arquitetura das notícias até as nuances linguísticas e o impacto das imagens, a análise busca desvelar como o jornalismo opera em um cenário de destruição sistêmica. Mais do que uma sistematização estatística, os resultados aqui apresentados são interpretados sob a ótica da necropolítica e do compromisso ético-colonial, investigando se a visibilidade conferida aos corpos infantis palestinos consegue romper com a lógica da desumanização. Ao confrontar as estratégias de edição com as barreiras impostas pelo cerco militar em Gaza, este capítulo expõe o esforço da emissora em transformar o sofrimento individual em um documento histórico de resistência e denúncia.

O conjunto documental desta análise é constituído por um corpus de reportagens digitais da *Al Jazeera*, selecionadas por sua centralidade na cobertura da crise humanitária na Palestina. O critério de seleção priorizou narrativas que expõem a precariedade da vida das crianças em sua dimensão biológica e psíquica, desde a desnutrição e a falta de suporte neonatal até o trauma gerado pelo isolamento, funcionando como registros de denúncia que desafiam a invisibilidade das vítimas infantis no cenário internacional. É importante ressaltar que tive a oportunidade de visualizar e descobrir especiais interativos da *Al Jazeera*, durante minha pesquisa e separação de matérias. Estes outros formatos não entraram no escopo de análise por seus formatos específicos, e também por exigirem mais do que os métodos desta pesquisa dão conta, pois estão moldados de forma a levar seus leitores a contemplar uma criação tão sensível em meio digital. A cobertura do genocídio em Gaza frequentemente esbarra na armadilha da hegemonia midiática ocidental, que reduz vidas palestinas a estatísticas frias, passivas e anônimas. No entanto, os materiais *Know their names*²⁶ e *Gaza's*

²⁶ *Know their names: Palestinian children killed in Israeli attacks on Gaza* é uma espécie de memorial digital e levantamento estatístico que registra o impacto dos ataques armados na Faixa de Gaza, apontando que pelo menos 16.800 crianças foram mortas desde 7 de outubro de 2023. O documento apresenta uma listagem nominal detalhada das vítimas infantis, com destaque para os bebês com menos de um ano de vida que não chegaram a alcançar o primeiro aniversário. AL JAZEERA. Israel's war on Gaza: 10,000 children killed. *Al Jazeera English*, 2024. Disponível em: <https://interactive.aljazeera.com/aje/2024/israel-war-on-gaza-10000-children-killed/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

*stolen childhood*²⁷ subvertem radicalmente essa lógica de apagamento. O jornalismo aqui assume a sua vocação de dissidência e memória, transformando o design e a visualização de dados em um memorial doloroso, em que a identidade de cada criança é resgatada e homenageada.

A força e importância desse material reside no esforço descomunal de mapear marcadores sociais e geracionais dentro do caos absoluto de informações. Ao categorizar as vítimas pelas idades que tinham quando foram interrompidas — desde os bebês que não alcançaram o primeiro aniversário até os adolescentes de 17 anos que já haviam sobrevivido a quatro guerras anteriores —, a equipe da *Al Jazeera* escancara a temporalidade roubada. Esse rigor editorial humaniza a tragédia ao destacar não apenas quem essas crianças eram (como Hind Rajab, Mahmoud al-Dahdouh ou os irmãos da família al-Souri), mas o que elas deixaram de ser, apontando para indícios como as salas de aula vazias, os primeiros passos não dados, os sonhos de independência abortados. É uma narrativa interativa que traduz a escala continental da barbárie em dores individuais e intoleravelmente palpáveis.

Do ponto de vista da produção de um produto jornalístico — uma reflexão constante para quem atua na crítica de mídia e no monitoramento de coberturas internacionais —, a magnitude logística e ética desse projeto é muito presente e significativa. Reunir mais de 17.000 nomes, cruzar atestados de óbito, apurar idades e resgatar as micro-histórias íntimas em um território sob cerco total, sem energia elétrica, com comunicações cortadas e hospitais e universidades dizimados, é um feito monumental. Os profissionais e repórteres de dados que elaboraram essa documentação técnica operaram não apenas contra o tempo, mas sob a mira da mesma violência, enfrentando o risco contínuo de se tornarem as próprias vítimas da guerra que documentavam.

Por fim, a excelência desses especiais prova que, mesmo no epicentro do conflito mais letal para crianças nos tempos modernos, o cuidado com o rigor investigativo e o empenho ético podem e devem florescer. Essa interface do material exige que o leitor role a página em um movimento contínuo e exaustivo, descendo nome por nome, confrontando fisicamente a imensidão da perda. Outro material notável feito sobre infância pela *Al Jazeera* é *An A-Z of*

²⁷ *Gaza's stolen childhood: Who were the thousands of children Israel killed?* é uma reportagem de fôlego que mapeia analiticamente a demografia do infanticídio na Faixa de Gaza, registrando que pelo menos 17.400 crianças foram mortas desde outubro de 2023 (com 15,600 nominalmente identificadas), o que equivale estatisticamente à perda de uma vida infantil a cada 45 minutos. O material segmenta o impacto humanitário por faixas etárias — de recém-nascidos a adolescentes que já haviam sobrevivido a múltiplos bombardeios anteriores — e contrapõe a desumanização das estatísticas por meio da reconstituição de trajetórias individuais e casos de grande repercussão internacional, como os das meninas Hind Rajab (5 anos) e Reem Nabhan (3 anos).

the children Israel killed in Gaza, que foi publicado em alusão ao Dia Mundial da Criança. A reportagem especial funciona como um memorial alfabético (de A a Z) dedicado a resgatar a identidade das mais de 17.400 vítimas infantis dos bombardeios na Faixa de Gaza desde outubro de 2023. O infográfico estratifica a tragédia por ciclos de desenvolvimento — detalhando a perda de centenas de recém-nascidos e milhares de estudantes — e colige posicionamentos contundentes de agências internacionais como a UNICEF e a Save the Children. Os dados e relatos reunidos dão dimensão humanitária a crises crônicas paralelas à violência direta, incluindo os milhares de órfãos deixados pelo conflito, amputações infantis diárias realizadas sem anestesia e o risco iminente de morte em massa por desidratação e desnutrição severa decorrentes do bloqueio de recursos básicos.

As 14 reportagens selecionadas no portal da *Al Jazeera English* compõem um mosaico da precariedade imposta à infância palestina, permitindo observar as escolhas lexicais e a atribuição de agência em diferentes contextos da violência. Para fins analíticos, o corpus foi organizado em dois eixos macrotemáticos e dentro desses eixos encontramos cinco categorias que evidenciam o desmonte das condições básicas de subsistência. Através desses 14 textos, a pesquisa busca nessa etapa examinar como a terminologia jornalística e a imagem constrói a narrativa sobre o sofrimento infantil e as dinâmicas de poder no conflito, assim como outras demarcações utilizadas trazem determinações de sentido específicas para o entendimento completo dos gêneros jornalísticos e a construção da narrativa nas modalidades entrevista, nota, reportagem especial, grande reportagem e fotorreportagem.

4.1. Categorização macrotemática para análise das reportagens sobre infância

A estrutura deste estudo foi delineada para revelar a fragmentação da experiência infantil sob o cerco através de dois eixos fundamentais: violência direta, encarceramento e violência estrutural e inviabilidade da vida. Esta divisão macrotemática justifica-se pela necessidade de distinguir a violência física imediata da violência estrutural e continuada que compromete o desenvolvimento e o futuro da infância na região.

4.1.1. Violência direta, encarceramento e emergência clínica: I. Eixo

Este eixo justifica-se pela necessidade de agrupar matérias que tratam da eliminação física e da privação de liberdade, assim como da emergência clínica direta. Este eixo permite observar como a terminologia frequentemente oscila entre a denúncia direta e a suavização da responsabilidade através de construções gramaticais.

4.1.2. *Violência estrutural e inviabilidade da vida: II. Eixo*

Este eixo organiza matérias focadas na morte lenta e da destruição da infraestrutura básica. Ele foca em categorias em que a precisão terminológica é vital para identificar o cerco e o bloqueio como causas primárias do sofrimento.

Para fins de análise, as matérias foram organizadas em categorias temáticas que evidenciam a falência do imperativo ético do cuidado discutido por Butler (2011), desdobrando-se desde a violência direta até o colapso biopolítico da saúde e nutrição. As reportagens são:

- *Child casualties in Gaza a 'stain on our conscience': UNICEF* - (Mortes de crianças em Gaza são uma 'mancha em nossa consciência': UNICEF);
- *Gaza's youngest influencer among children killed by Israel in last two days* - (A influenciadora mais jovem de Gaza está entre as crianças mortas por Israel nos últimos dois dias);
- *Why are there so many Palestinian children in Israeli prisons?* - (Por que existem tantas crianças palestinas em prisões israelenses?);
- *How the Israel war, blockade affect mental health of Palestinian children* - (Como a guerra e o bloqueio de Israel afetam a saúde mental das crianças palestinas);
- *Premature babies evacuated from Gaza to Egypt amid Israeli attacks* - (Bebês prematuros são evacuados de Gaza para o Egito em meio aos ataques de Israel);
- *Over 100 incubator babies at risk due to Israel's fuel cuts to Gaza: UN* - (Mais de 100 bebês em incubadoras correm risco devido ao corte de combustível de Israel em Gaza: ONU);
- *Two premature babies die, 37 under threat at Gaza's al-Shifa Hospital* - (Dois bebês prematuros morrem e 37 estão sob ameaça no Hospital al-Shifa, em Gaza);
- *Five babies in incubator': HRW on danger to pregnant women, babies in Gaza* - ('Cinco bebês em incubadoras': HRW alerta para o perigo contra grávidas e recém-nascidos em Gaza);

- *Three babies freeze to death in Gaza refugee camp amid Israeli blockade* - (Três bebês morrem de frio em campo de refugiados em Gaza sob bloqueio israelense);
- *Why is hypothermia killing Gaza's children?* - (Por que a hipotermia está matando as crianças de Gaza?);
- *Thousands of Gaza's children face imminent death under Israeli siege: UN* - (Milhares de crianças em Gaza enfrentam morte iminente sob o cerco israelense: ONU);
- *UN warns of surge in acute malnutrition among Gaza's young children* - (ONU alerta para o aumento da desnutrição aguda entre crianças pequenas em Gaza);
- *In an age of abundance and ceasefires, Gaza starves, and the war won't stop* - (Em uma era de abundância e cessar-fogos, Gaza morre de fome e a guerra não para);
- *In Gaza, babies have no more nappies, milk, as Israeli bombing continues* - (Em Gaza, bebês não têm mais fraldas nem leite, enquanto os bombardeios de Israel continuam).

A divisão nos dois eixos temáticos é a seguinte:

Eixo 1 Violência direta, encarceramento e emergência clínica		Eixo 2 Violência estrutural e inviabilidade da vida	
Data	Título em português	Data	Título em português
25/10/2023	Mortes de crianças em Gaza são uma 'mancha em nossa consciência': UNICEF	26/10/2024	Três bebês morrem de frio em campo de refugiados em Gaza sob bloqueio israelense
25/05/2025	A influenciadora mais jovem de Gaza está entre as crianças mortas por Israel nos últimos dois dias	01/01/2025	Por que a hipotermia está matando as crianças de Gaza?
26/01/2025	Por que existem tantas crianças palestinas em prisões israelenses?	20/05/2025	Milhares de crianças em Gaza enfrentam morte iminente sob o cerco israelense: ONU
12/10/2023	Como a guerra e o bloqueio de Israel afetam a saúde mental das crianças palestinas	06/06/2025	ONU alerta para o aumento da desnutrição aguda entre crianças pequenas em Gaza
20/11/2023	Bebês prematuros são evacuados de Gaza para o Egito em meio aos ataques de Israel	27/06/2025	Em uma era de abundância e cessar-fogos, Gaza morre de fome e a guerra não para
22/10/2023	Mais de 100 bebês em incubadoras correm risco devido ao corte de combustível de Israel em Gaza: ONU	07/03/2024	Em Gaza, bebês não têm mais fraldas nem leite, enquanto os bombardeios de Israel continuam

11/11/2023	Dois bebês prematuros morrem e 37 estão sob ameaça no Hospital al-Shifa, em Gaza		
28/01/2025	‘Cinco bebês em incubadoras’: HRW alerta para o perigo contra grávidas e recém-nascidos em Gaza		

Tabela 1 - Eixos temáticos selecionados para dividir a análise

A divisão do material em eixos temáticos justifica-se por três motivos principais: a lógica de escolha permeia o sentido da fuga do mero catálogo, já que, caso apresentássemos as 14 reportagens de forma aleatória ou puramente cronológica, o texto viraria um “resumão” de notícias. A categorização é um modo de transformar dados jornalísticos em dados de pesquisa passíveis de comparação. O segundo motivo é o mapeamento da gradação da violência: essa divisão permite enxergar que a violência contra as crianças em Gaza não se dá apenas pelo bombardeio (morte imediata), mas também pela destruição das condições básicas de manutenção da vida (morte lenta e estrutural). E por fim, penso o diálogo direto com o referencial teórico, de que forma o trabalho se apoia em Butler (2011) e na noção de precariedade da vida e do reconhecimento do Outro (Levinas), as categorias servem para provar como o Estado de exceção atua destruindo sistematicamente cada pilar que torna uma vida “vivível”.

4.1. Divisão das reportagens por categorias:

A escolha dessas categorias de análise representa a primeira camada do delineamento metodológico, essencial para transformar o corpus jornalístico em dados passíveis de escrutínio. A análise empírica revelou que a violência se estrutura em dois Eixos Macrotemáticos: a Violência direta, encarceramento e emergência clínica (Eixo 1) e a Violência estrutural e inviabilidade da vida (Eixo 2). A partir desses eixos, foram identificados cinco temas prevalentes na cobertura da *Al Jazeera*:

- Violência letal e assassinato seletivo;
- Encarceramento e impacto psicossocial;
- A fome e a sede como armas de guerra;
- O colapso neonatal e hospitalar;
- Intempéries, doenças e crise de suprimentos.

Esses microtemas detalham como o Estado de exceção atua destruindo sistematicamente cada pilar que torna uma vida “vivível”. Essa estrutura permite provar como a necropolítica se manifesta na interrupção mais radical da vida (Eixo 1) e na destruição das condições de sobrevivência (Eixo 2).

4.1.1. Violência letal e assassinato seletivo

Esta categoria procura expor o rosto que sofre tentativas de apagamento e desafia a passividade do leitor diante de vidas que muitas vezes não são consideradas passíveis de luto pela grande mídia. Este tema reúne casos que dão rosto e nome às estatísticas, confrontando a “mancha na consciência coletiva” mencionada pela ONU:

- Mortes de crianças em Gaza são uma ‘mancha em nossa consciência’: UNICEF;
- A influenciadora mais jovem de Gaza está entre as crianças mortas por Israel nos últimos dois dias.

4.1.2. Encarceramento e impacto psicossocial

O aprisionamento e o trauma psicológico atacam a subjetividade e o futuro da criança. Essa categoria mostra que, mesmo quando sobrevivem, essas crianças têm suas saúdes mentais sequestradas pelo conflito. Refere-se à privação de liberdade e aos traumas invisíveis que moldam a subjetividade das crianças:

- Por que existem tantas crianças palestinas em prisões israelenses?;
- Como a guerra e o bloqueio de Israel afetam a saúde mental das crianças palestinas.

4.1.3. A fome e a sede como armas de guerra

Esta categoria dialoga com a biopolítica. A fome aqui não é um desastre natural, mas uma decisão política dentro da lógica de cerco. Ela ataca a vida nua (a sobrevivência biológica mais básica), tornando os corpos das crianças em espaços extremamente vulneráveis. Reportagens que discutem a desnutrição aguda e a insegurança alimentar em um contexto de cerco:

- ONU alerta para o aumento da desnutrição aguda entre crianças pequenas em Gaza;
- Milhares de crianças enfrentam 'morte iminente' sob o cerco devido à fome;
- A fome em Gaza em uma 'era de abundância e cessar-fogo'.

4.1.4. O colapso neonatal e hospitalar

Aqui reside o ápice da vulnerabilidade humana. Um bebê prematuro em uma incubadora sem energia é a representação mais pura da total dependência do outro para continuar existindo. Quando o hospital é atacado ou privado de combustível, o dever ético de proteção à vida é completamente ignorado. Foca no que considero uma fragilidade máxima, os recém-nascidos e bebês em incubadoras dependentes de infraestrutura destruída:

- Mais de 100 bebês em incubadoras correm risco devido ao corte de combustível de Israel em Gaza: ONU;
- Dois bebês prematuros morrem e 37 estão sob ameaça no Hospital al-Shifa, em Gaza;
- ‘Cinco bebês em incubadoras’: HRW alerta para o perigo contra grávidas e recém-nascidos em Gaza;
- Bebês prematuros são evacuados de Gaza para o Egito em meio aos ataques de Israel.

4.1.5. Intempéries, doenças e crise de suprimentos

Viver sem fraldas, sem leite, exposto ao frio (hipotermia) e a doenças erradicadas (poliomielite), prova que o ambiente foi tornado inviável para a vida. É a prova física de que essas vidas foram abandonadas à própria sorte. A vida reduzida à sobrevivência biológica básica em acampamentos de refugiados:

- Em Gaza, bebês não têm mais fraldas nem leite, enquanto os bombardeios de Israel continuam;
- Três bebês morrem de frio em campo de refugiados em Gaza sob bloqueio israelense;
- Por que a hipotermia está matando as crianças de Gaza?

4.2. O método *Ariadnes* e a sistematização dos dados

Após a identificação dos dois eixos e dos cinco temas, a análise das 14 reportagens e fotorreportagens selecionadas no portal da *Al Jazeera* foi operacionalizada através de uma triangulação metodológica que une o protocolo de Silva e Maia (2011) e a sistematização técnica do *Ariadnes*, observatório de mídia, gêneros e sexualidades (UFOP), do qual sou integrante. O *Ariadnes* também adiciona uma camada analítica à ACJ com questões específicas sobre o tema em observação. Também foram utilizadas as diretrizes terminológicas e o guia de fotografia da plataforma *Communicating Palestine*.

Para garantir a objetividade e a repetibilidade da análise qualitativa, foi utilizado um formulário estruturado no Google Forms, adaptado a partir da metodologia adotada pelo *Ariadnes*. Este instrumento permitiu submeter cada uma das 14 reportagens a um crivo de critérios fixos, em que se assinalavam as alternativas que se aplicavam ou não à cobertura. Os cinco níveis explorados dentro do ACJ em categorias de observação incluíram:

- Identidade e humanização: A reportagem nomeia a criança? Apresenta a sua idade e contexto familiar?
- Enquadramento: O texto foca na tragédia episódica ou traz elementos de contexto histórico e político?
- Fontes de informação: Há o uso de fontes locais (familiares, testemunhas, médicos) ou o material depende de fontes oficiais e agências internacionais?
- Relação texto-imagem: A fotorreportagem complementa o texto ao dar “rosto” (Lévinas, 1987) ao sujeito, ou serve apenas como ilustração genérica?
- Terminologias: Quais são as palavras e termos utilizados?

A análise das reportagens foi balizada pelas orientações do *Communicating Palestine*, especificamente o guia de terminologia, método este de suma importância para avaliar se a *Al Jazeera* “dá conta” da cobertura ao evitar o jornalismo do colonizador criticado por Krishnan (2024). A análise exigiu um olhar crítico sobre a estrutura gramatical do inglês, uma vez que a transposição direta para o português não é capaz de captar, de forma complexa ou automática, as nuances embutidas na língua original. No inglês jornalístico, a escolha pela voz ativa (como em “Israel’s fuel cuts risk babies”²⁸ ou “Israeli attack kills”²⁹) estabelece uma agência verbal clara, identificando o autor da violência e, conseqüentemente, o sujeito que falhou em sua responsabilidade ética perante o outro. Por outro lado, o uso frequente de verbos intransitivos ou da voz passiva em certas narrativas (como em “children died”³⁰ ou “casualties occurred”³¹) opera uma manobra de ocultamento: a morte é apresentada como um evento natural ou uma fatalidade sem autoria, o que deduzimos da análise de Judith Butler como um enquadramento que despolitiza a perda e retira daquela vida o status de ser passível de luto, enlutável.

Dessa forma, a discussão sobre a terminologia do conflito, que envolve o uso estratégico de conceitos como cerco (*siege*), ocupação (*occupation*) e *apartheid*, não pode ser

²⁸ cortes de combustível de Israel colocam bebês em risco, em tradução livre.

²⁹ ataque de Israel mata, em tradução livre.

³⁰ crianças morreram, em tradução livre.

³¹ houve vítimas, em tradução livre.

meramente traduzida, mas deve ser compreendida como a demarcação de um campo de violência sistêmica. Esses termos contextualizam a necropolítica exercida sobre os corpos infantis em Gaza, revelando que a precariedade dessas crianças não é um acidente de percurso, mas uma condição ativamente produzida pela gestão soberana sobre quem deve viver e quem deve ser deixado para morrer. Portanto, ao manter a análise sobre o léxico em inglês, preserva-se a integridade da denúncia original, expondo como a própria estrutura da língua pode ser usada tanto para humanizar alguém quanto para sustentar a invisibilidade da barbárie.

O fato de que os conceitos de Krishnan e do guia “Communicating Palestine” não se encaixarem perfeitamente na língua portuguesa é uma limitação do método, assim como também é uma evidência empírica da colonialidade da linguagem. O descompasso entre a denúncia na língua do colonizador (inglês) e a nossa realidade linguística é, por si só, um dado da pesquisa que expõe as lacunas de um jornalismo que, ao ser traduzido, está sujeito a perda ou ganho da capacidade de nomear a violência.

4.2.1 Etapas metodológicas para a utilização e progressão da análise

Os dados, coletados pelo formulário, foram posteriormente interpretados sob o protocolo de Silva e Maia (2011), focando nas marcas de produção deixadas no produto final. Através da aplicação do formulário, constatou-se que em 37% das reportagens, a *Al Jazeera* seguiu integralmente as recomendações do guia *Communicating Palestine*. Em relação aos títulos, todos estão na voz ativa, o que já indica no princípio das reportagens uma ruptura com o padrão hegemônico da imprensa brasileira, segundo Oliveira e Rodrigues, no livro *Morte Matada contada Feito Morte Morrida*. Na *Al Jazeera*, observou-se que a marca de produção dominante é a atribuição de agência, onde a “morte morrida” (naturalizada) é substituída pela narrativa da “morte matada” (com agente identificado) (2021, p. 57).

No meu percurso metodológico, a aplicação do guia *Communicating Palestine* se deu na etapa de análise da terminologia, funcionando como um filtro de qualidade ética justamente quando pensamos na validação da voz ativa. O guia foi de valor inestimável, pois ofereceu o rigor ético e a precisão terminológica necessários para analisar uma cobertura em zona de conflito colonial, focado na responsabilidade política da linguagem. Ele atuou como uma bússola de direitos humanos, e sua aplicação desafia a neutralidade performativa que, muitas vezes, serve para mascarar assimetrias de poder.

Um dos maiores méritos desse recurso é a orientação sobre a agência, ao estabelecer nexos de causalidade que evitam a naturalização da violência. No contexto da infância em

Gaza, o guia é crucial para combater a desumanização linguística, pois orienta o uso de termos que preservam a dignidade das vítimas. Aplicá-lo permite verificar se o jornalismo trata a criança palestina como um sujeito com biografia e direitos, ou apenas como um dano colateral anônimo. Especificamente, o texto desencoraja construções gramaticais onde as mortes parecem fenômenos acidentais (ex: “crianças morreram na explosão”) e exige o rigor da autoria (ex: “crianças foram mortas por um ataque aéreo”), ainda que, segundo o português, a voz passiva enfraqueça e invisibilize o sujeito.

4.3 Os cinco níveis de análise metodológica

Esta é a etapa que considero central na metodologia adotada, que foi estruturada a partir da adaptação do modelo de Silva e Maia (2011), anteriormente apresentada e revisada pelo Observatório *Ariadnes*, que propõe uma análise multidimensional dos textos e fotografias. Para adequar a análise ao objeto de estudo (a infância palestina na cobertura da *Al Jazeera*), o instrumento de coleta foi organizado em cinco níveis analíticos distintos, transformados em um formulário de verificação sistemática.

Abaixo, descrevo a lógica de cada nível utilizado para a decodificação das reportagens:

4.3.1. Marcas da apuração

Este nível investiga onde vem e quais são os identificadores da apuração. O foco é identificar o básico do jornalismo: quem assina a matéria, se houve acesso direto ao local (in loco) e, principalmente, a natureza das fontes. Aqui, busca-se entender se as crianças possuem agência (falando por si) ou se são representadas apenas por seus pais ou por fontes oficiais ou especializadas, distinguindo informações de primeira mão daquelas reproduzidas de agências ou relatórios.

4.3.2 Marcas da composição

Analisa-se aqui a visualidade e a hierarquia editorial. Este nível classifica o gênero jornalístico (desde notas curtas até grandes fotorreportagens) e o destaque visual conferido à infância. A presença de infográficos, boxes e fotografias é mapeada para entender como a arquitetura da página direciona o olhar do leitor para a vulnerabilidade infantil (ou não).

4.3.3 Aspectos do contexto

Este nível oferece o plano geral da produção. Ele avalia como a linha editorial da *Al Jazeera* e as dificuldades impostas pela guerra (bloqueios de comunicação e riscos de bombardeio) moldam o produto final. Questiona-se se o jornalismo é meramente declaratório ou se privilegia a humanização, investigando como o contexto geopolítico interfere na capacidade do jornalista de ouvir as crianças. Muitas vezes a questão principal desse nível foi se ele poderia ser respondido de forma individual, para cada reportagem, ou não – ou seja, se alguma produção possuía um contexto específico dentro do acontecimento que deveria ser explicado, ou se o contexto maior do conflito já dava conta desse nível analítico.

4.3.4 Aspectos da linguagem

Baseado no guia de terminologia do *Communicating Palestine*, este nível funciona como um filtro crítico para identificar o uso de eufemismos ou termos precisos. As perguntas avaliam a presença de palavras que sanitizam a opressão (como “conflito” ou “crise”) versus termos que contextualizam a realidade colonial (como “apartheid”, “cerco” ou “limpeza étnica”). Este nível é fundamental para medir a aderência da *Al Jazeera* à terminologia recomendada pela metodologia adotada.

4.3.5. Aspectos da imagem

O último nível debruça-se sobre a fotografia e a semiótica visual. Utilizando critérios de ética fotográfica, avalia-se o consentimento, o risco de exposição e, sobretudo, a narrativa da imagem. Busca-se identificar se as fotos evocam apenas pena (passividade) ou solidariedade (agência), e se há uma estetização do sofrimento que possa esvaziar o conteúdo político da opressão vivida pelas crianças.

Em suma, a arquitetura metodológica aqui delineada, composta pela seleção e a preservação digital do corpus em repositórios estáveis de PDF; a categorização temática por eixos de agressão; e a aplicação rigorosa dos cinco níveis de análise adaptados de Silva e Maia (2011) e do guia *Communicating Palestine*, assegura que a investigação não se limite a uma observação superficial, mas a uma tentativa de exame estruturado das marcas componentes presentes na cobertura.

Desta forma, a partir da aplicação da metodologia indicada, os resultados obtidos revelam padrões significativos na construção narrativa da infância em um veículo jornalístico durante a cobertura de conflitos armados, os quais serão detalhados a seguir por meio da análise individual e comparativa das matérias que compõem cada eixo temático.

4.4. Procedimentos de organização e análise qualitativa do corpus

A sistematização das reportagens selecionadas em formato PDF constituiu a etapa preparatória inicial para a aplicação dos cinco níveis do ACJ dentro da análise proposta. Esta organização, indispensável, facilitou a análise qualitativa através da fixação do objeto e estabilidade analítica a partir da criação de um repositório para arquivar as informações, dada a natureza efêmera e mutável do jornalismo digital. Diferente de um jornal impresso, cujas páginas são definitivas após a publicação, as matérias digitais estão sujeitas a edições posteriores, alterações de manchetes ou remoção de conteúdos (link rot).

Assim, o arquivamento em PDF “congelou” a arquitetura da notícia, permitindo que o exame das marcas de composição, linguagem e imagem fosse realizado sobre uma fonte íntegra e imutável, assegurando o rigor documental e a replicabilidade da pesquisa ao longo de todo o desenvolvimento do trabalho.

Esse congelar da arquitetura original da notícia foi realizado estrategicamente para análise do Nível 2, que pensa as marcas da composição. Diferente do ambiente dinâmico da web, em que anúncios e sugestões de leitura mudam constantemente, o arquivo estático permitiu examinar com precisão o destaque visual dado às crianças e a relação espacial entre texto e imagem. Isso garantiu que a análise visual (Nível 5, que trata dos aspectos da imagem) fosse realizada sob o contexto exato em que a fotografia foi publicada. Já a estruturação dos arquivos permitiu o uso de ferramentas de busca e anotação direta nos textos para o Nível 4, que é relativo aos aspectos da linguagem. Apesar do cuidado em manter o contexto exato, não podemos nos assegurar completamente contra a natureza efêmera e mutável do jornalismo digital. Essa fixação aconteceu na tentativa de tornar cada artigo uma fonte íntegra e imutável no repositório da pesquisa, mas só ocorreu a partir da data de coleta, o que não garante que alterações ou edições possam ter afetado o material original, já que existe uma janela de tempo entre a publicação e o método de “congelar”.

O arquivamento sistemático permitiu que cada arquivo fosse renomeado e categorizado conforme os eixos de mortalidade e saúde infantil/condições de vida. Essa organização em diretórios facilitou o Nível 1, que são as marcas da Apuração, e o Nível 3, referente aos aspectos do contexto, pois permitiu o agrupamento de matérias assinadas pelo mesmo repórter ou produzidas sob as mesmas condições de bloqueio. Assim, a análise qualitativa não se limitou a casos isolados, mas pode identificar padrões editoriais da *Al Jazeera* em toda a amostra coletada. A possibilidade de retornar ao material original a qualquer momento da redação do TCC, com a garantia de que nenhum parágrafo ou imagem

foi alterado pela emissora após a coleta, conferiu ao estudo um nível de rigor documental indispensável para pesquisas que tratam de temas sensíveis e em constante atualização.

Por outro lado, a opção por fixar o conteúdo no momento da coleta implicou uma perda inevitável (e inerente à metodologia) da dimensão da política de correção de erros e das atualizações em tempo real da notícia, que são características cruciais do jornalismo digital. O rigor do registro documental, que prioriza a estabilidade do corpus, naturalmente não alcança a dinâmica processual e a história editorial posterior de cada peça, e isso é um limite aceito pela pesquisa.

CAPÍTULO 5 - O ROSTO SOB CERCO — DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE

Este capítulo dedica-se a investigar como a linguagem jornalística atua na construção (ou apagamento) da responsabilidade ética diante do sofrimento do Outro, tendo como foco a criança. Partindo da premissa levinasiana de que o “Rosto” do vulnerável nos convoca a uma responsabilidade inalienável, analisamos como as escolhas gramaticais e terminológicas da *Al Jazeera* narram a existência de crianças e bebês sob o cerco em Gaza.

Ao destrinchar as manchetes, buscamos compreender se a gramática utilizada revela o autor da agressão ou se converte o massacre em um fenômeno biológico e inevitável, destituído de agente político. A análise das 14 reportagens selecionadas revela padrões linguísticos que oscilam entre a denúncia explícita e a atenuação da agência através de recursos gramaticais. Estas matérias caracterizam-se pelo registro sistemático da vulnerabilidade extrema da infância, documentando não apenas o impacto direto das operações militares, mas o colapso das infraestruturas vitais sob o cerco. A voz gramatical desempenha um papel político crucial na descrição da violência. Observou-se que:

- Voz passiva e intransitiva: Em 5 títulos, a estrutura gramatical é utilizada para focar no resultado (a morte ou o deslocamento) em detrimento do autor da ação ou de quem provocou a ação. Exemplos como “Bebês prematuros evacuados” ou “Dois bebês prematuros morrem” tratam a morte como um evento biológico ou um fenômeno sem agente, em que o bebê aparece como o sujeito que realiza a ação de morrer, e não como a vítima de uma agressão externa. Falar da evacuação de bebês prematuros sem indicar o motivo da retirada também invisibiliza a violência que origina o ato.
- Omissão de agência: No total, 7 títulos não nomeiam os agentes responsáveis pelo perigo ou pela fatalidade descrita. Isso ocorre através de eufemismos ou da atribuição da morte a causas naturais, como a hipotermia, o que acaba por ocultar o cerco político que gera tais condições climáticas letais, como por exemplo: ‘*Why is hypothermia killing Gaza’s children?*’/Por que a hipotermia está matando crianças em Gaza?’

Figura 2 - Recém-nascidos palestinos dividem a mesma incubadora



Fonte: Abdelhkeem Khaled/Reuters

Ao analisarmos a Figura 2, sob a lente de Ariella Azoulay (apresentada no Cap. 2.2), vemos um registro técnico de um hospital em crise, porém o enquadramento nos força a um encontro cívico, já que a imagem, ao exibir a vulnerabilidade extrema, nos obriga a reconhecer que a incubadora, aqui, atua como um monumento à vida em meio à política de morte.

Dentro do Eixo II, a reportagem *Why is hypothermia killing Gaza's children?* também faz o uso estratégico do formato *Explainer* para politizar uma causa de morte aparentemente biológica. E novamente reforço que, ao adotar esta categoria, a *Al Jazeera* não se limita a registrar o óbito clínico, mas estabelece uma conexão direta entre a vulnerabilidade fisiológica das crianças e as causas políticas subjacentes, como o bloqueio sistemático de cobertores, combustível e materiais para abrigos. Este recurso explicativo é fundamental para a análise linguística (Nível 4), pois impede que a hipotermia seja interpretada como um “desastre natural” ou uma fatalidade climática, apesar de seu título não apontar agentes. Em vez dessa ambiguidade, a narrativa reconstrói o fenômeno como uma consequência do cerco, transformando o frio em uma extensão da agressão militar. Assim, esse formato *Explainer* acertadamente atua como uma ponte pedagógica que permite ao leitor compreender que a morte por frio em Gaza é, em última instância, uma forma de violência estrutural decorrente

da privação de direitos básicos e da infraestrutura de sobrevivência. Porém o próprio título peca ao utilizar da voz passiva pra assimilar as informações, já que deixa subentendido que o frio que mata as crianças, já que elas sentem frio justamente pela destruição da infraestrutura causada pelos ataques israelenses.

5.1. nível 1: marcas da apuração (o esforço de reportagem)

O resultado geral do nível 1 revela um esforço de reportagem predominantemente institucionalizado e coletivo por parte da *Al Jazeera*, já que foi observado que a maioria das matérias é assinada como “*Al Jazeera Staff*”³² (5 reportagens) ou simplesmente como “*Al Jazeera*” (4 reportagens), identifica-se uma estratégia de segurança e unidade editorial, em que a responsabilidade pela informação é assumida pela organização, possivelmente para proteger jornalistas em campo ou refletir um consenso das diretrizes da emissora.

No entanto, essa predominância de autorias coletivas (“*Al Jazeera Staff*” ou “*Al Jazeera*”) requer uma ponderação cuidadosa, pois a ausência da assinatura individual carrega uma ambiguidade. Embora a estratégia possa ser intencional para proteger a integridade física de repórteres em zonas de alto risco, ela também pode indicar a falta de um jornalista dedicado exclusivamente ao tema ou a uma cobertura menos especializada. Em alguns casos, essa autoria difusa pode sinalizar que o material foi produzido por uma equipe de apoio, como estagiários ou *freelancers*, sem a dedicação e o rigor de um correspondente sênior. É crucial reconhecer que, no cenário de cerco e violência imposto em Gaza, a motivação protetiva é a mais provável; no entanto, metodologicamente, é preciso considerar que a diluição da autoria pode, inadvertidamente, levar a uma percepção de menor profundidade ou especialização no tratamento de um tema tão sensível.

Por outro lado, a presença de assinaturas individuais, como as de Maram Humaid (2 reportagens), jornalista com base em Gaza, e de especialistas como Marc Owen Jones (1 reportagem), demonstra um desequilíbrio entre a cobertura *in loco*, que é essencial para o acesso direto às vítimas. Essa baixa diversidade nas marcas de apuração indica que, embora haja uma forte dependência do corpo técnico interno (*Staff*), a rede mantém canais de autoria pessoal que conferem subjetividade ao relato sobre infância palestina, fundamentais para romper a barreira do jornalismo meramente declaratório e estatístico.

Para a segunda pergunta do Nível 1, concluiu-se que o acesso direto ao local ocorreu em apenas 33,3% (5 reportagens) da amostra, enquanto a maioria, 66,7% (10 reportagens), foi produzida sem a presença física do repórter no cenário dos fatos. Esse índice majoritário

³² Equipe da *Al Jazeera* ou Redação da *Al Jazeera*.

de ausência de acesso direto reflete as severas restrições impostas pelo cerco e pelos riscos iminentes de bombardeios, que limitam a mobilidade jornalística em Gaza.

Metodologicamente, esse dado é importante, pois revela uma dependência de estratégias de apuração remota, como o uso de fontes locais, agências de notícias e relatórios de organizações internacionais. Essa configuração evidencia o desafio de se produzir uma narrativa sobre a infância sob condições de isolamento e conflito, em que a falta de acesso ao local muitas vezes força o jornalismo a transitar da apuração direta para a compilação de dados e evidências secundárias, impactando diretamente a forma como a vulnerabilidade infantil é testemunhada e retransmitida ao público global.

Em relação às fontes sobre a infância, os dados revelam uma estrutura de apuração predominantemente técnica e institucional, na qual as fontes oficiais (73,3%) e as fontes especializadas (73,3%) detêm o maior peso na construção do relato. Este equilíbrio entre porta-vozes governamentais e especialistas (médicos, agências da ONU e ONGs) indica que a *Al Jazeera* prioriza a legitimação técnica para denunciar as condições de vida e morte das crianças, conferindo rigor e autoridade factual às matérias. Por outro lado, a presença de fontes cidadãos em 40% (6 reportagens) demonstra um esforço significativo, embora minoritário, de humanização, ao permitir que os pais e/ou adultos responsáveis diretos relatem suas vivências. É lamentável a falta do testemunho e de relatos das crianças dentro dos textos discutidos, principalmente quando estes se voltam para a experiência infantil da vida sob cerco e guerra. Outra questão importante é a falta de fontes *in loco*, porém argumento que esse movimento por parte da *Al Jazeera* pode advir de uma forma de se blindar para com acusações de antissemitismo e propagação de desinformação, já que são quase sempre especialistas falando. Essa falta de fontes pode decorrer de fatores advindos do risco que circunda a cobertura de guerra, mas também de rotinas produtivas apertadas, falta de verba, e até mesmo a necessidade de rapidez com que essas notícias devem ser apresentadas.

Complementadas por relatórios (20%), as fontes refletem uma cobertura que, apesar de buscar o testemunho direto para gerar empatia e agência, ainda depende fortemente de mediadores institucionais para validar a escala da crise humanitária, equilibrando o impacto emocional do relato individual com a comprovação técnica dos dados oficiais. Devido à complexidade do cenário de conflito, adotou-se no instrumento de coleta (*google forms*) o método de caixas de seleção, permitindo que uma única reportagem fosse categorizada com múltiplos tipos de fontes, essa escolha buscou refletir com maior precisão o esforço

jornalístico de triangulação de dados, já que uma mesma matéria pode conter vozes e formas plurais de apuração.

Em relação à origem da informação, os dados confirmam uma tendência observada nos critérios de acesso direto, revelando que a maioria das reportagens (66,7%) é construída a partir de informações de segunda mão. Isso significa que a narrativa sobre a infância na *Al Jazeera* é, em grande parte, mediada por agências de notícias, dados de ONGs ou relatórios de organismos internacionais (como a ONU e a OMS). Por outro lado, o índice de 33,3% de informações de primeira mão (apuradas diretamente pelo repórter *in loco*) embora represente um terço da amostra, é um número significativo dadas as condições extremas de insegurança para jornalistas no local de apuração. Metodologicamente, esse desequilíbrio evidencia que a voz da infância na mídia pode estar sendo frequentemente filtrada por instituições – e por adultos – que conseguem sistematizar dados em áreas onde o jornalista está impedido de circular livremente. Assim, a origem da informação reflete as barreiras físicas da guerra para o jornalismo que tenta atuar como um curador de evidências externas (segunda mão) enquanto resiste com brechas de testemunho direto (primeira mão) para sustentar a credibilidade do relato. Pensando em um mapeamento das instituições, dentro de uma lógica de quantificação da quantidade de fontes Palestinas, Ocidentais e/ou Globais, as reportagens analisadas são de organizações mencionadas e utilizadas como autoridade de dados. Podemos dividi-las em três blocos:

a. Instituições palestinas (locais):

Contém o Ministério da Saúde de Gaza e o Gabinete de Mídia do Governo: citados repetidamente para fornecer os dados epidemiológicos, contagem de mortos, feridos e triagem de subnutrição (ex: triagem de 47.000 crianças). Também existem menções aos hospitais locais: Hospital al-Shifa (Gaza), Hospital Nasser (Khan Younis), Hospital Al-Aqsa (Deir el-Balah) e Hospital de Maternidade al-Helal al-Emirati. Embora operem localmente em Gaza, a governança médica responde à administração interna da Faixa de Gaza. Outra fonte é a *Gaza Humanitarian Foundation* (GHF): instituição de iniciativa privada e local mencionada na distribuição emergencial de alimentos.

b. Instituições ocidentais:

Este bloco contém o *Human Rights Watch* (HRW): organização não governamental de direitos humanos sediada em Nova York, EUA. *Amnesty International* (Anistia Internacional): organização não governamental sediada em Londres, Reino Unido.

c. Instituições Globais / Multilaterais (Sistema ONU)

Inclui o UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância, a OMS (WHO): Organização Mundial da Saúde, o WFP (PMA): Programa Mundial de Alimentos e a UNRWA: Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados Palestinos.

Com isso, chegamos à conclusão que os especialistas e veículos estão dentro dessa lógica do jornalismo corporativo internacional. No entanto, para legitimar a denúncia de uma crise humanitária de tal magnitude, o veículo (*Al Jazeera*) constrói uma engrenagem de validação científica/legal que vem do Ocidente. O jornalismo de alcance internacional raramente utiliza apenas dados do Ministério de Gaza como fonte definitiva, pois estes costumam ser politicamente contestados por Israel e pelos EUA. Para que a notícia ganhe o selo de verdade factual jornalística perante a comunidade internacional, o texto recorre aos relatórios da *Human Rights Watch*, da *Anistia Internacional* ou da ONU, entre outros.

Para finalizar, a última pergunta do nível 1 revela que os resultados sobre o deslocamento físico até os sujeitos da notícia ratificam os dados anteriores de acesso e origem da informação. A conclusão aponta que em 66,7% das reportagens analisadas não houve deslocamento do jornalista (havendo portanto a apuração interna/remota), enquanto em apenas 33,3% o profissional conseguiu realizar a apuração externa, chegando ao encontro direto com os entrevistados, mesmo que em nenhuma parte da amostragem tenha-se incluído crianças falando abertamente de suas experiências. Este dado é o indicador mais contundente das barreiras geográficas e de segurança impostas pelo conflito. O predomínio da apuração interna revela que a construção narrativa da infância é, na maior parte do tempo, um exercício de jornalismo de mesa ou de curadoria de rede, em que o repórter emprega esforços integralmente para apurar por meios remotos. Essa distância física impõe um desafio à humanização, já que, sem o deslocamento, o jornalismo corre o risco de perder as nuances do ambiente e do olhar, dependendo ainda mais de uma linguagem precisa e ética para compensar a ausência do testemunho presencial.

5.2. nível 2: marcas da composição (a arquitetura da notícia)

A análise do nível 2, que engloba as marcas da composição (a arquitetura da notícia), foca em como a *Al Jazeera* organiza o conteúdo e quais elementos visuais utiliza para construir a narrativa sobre a infância em Gaza. Os dados obtidos revelam uma estrutura que privilegia o aprofundamento e o impacto visual. No que diz respeito ao formato das

publicações, os resultados apontam para uma diversidade de gêneros, com destaque para as narrativas mais longas:

- Reportagem especial: 50% (7 reportagens).
- Grande reportagem: 14,3% (2 reportagens).
- Nota: 14,3% (2 reportagens).

Outros formatos como **Entrevista (7,1%)** e **Fotorreportagem (7,1%)** também estão contemplados na amostra.

Gráfico 1: Proporção por gênero jornalístico³³



Fonte: Sophia Ribeiro

Tabela 2: Quantidade de formatos por categoria.

Gênero Jornalístico	Quantidade (N)	Percentual (%)
---------------------	----------------	----------------

³³ No gráfico, os gêneros “dossiê”, “fotorreportagem” e “entrevista” foram considerados em uma parcela do gráfico denominada “outros gêneros” por serem somente 1 parte da amostragem que contém 14 textos selecionados da *Al Jazeera*.

Reportagem especial	7	50,0%
Grande reportagem	2	14,3%
Nota	2	14,3%
Dossiê	1	7,1%
Fotorreportagem	1	7,1%
Entrevista	1	7,1%
Total	14	100,0%

Fonte: Sophia Ribeiro

Esta predominância de reportagens especiais e grandes reportagens (somando mais de 64% da amostra) reforça a vocação informativa e interpretativa da emissora. Diferente de notas rápidas, esses gêneros permitem a aplicação de múltiplos níveis de contexto que, por sua vez, auxiliam a informar e/ou interpretar, levando a discussão da infância para longe de ser apenas um fato isolado, e sim como parte de uma conjuntura política e humanitária mais vasta.

Já a arquitetura visual da *Al Jazeera* é padronizada no uso predominante de:

- Fotografia: Presente em 100% das reportagens analisadas (14 respostas).
- Infográfico: Utilizado em 13,3% (2 reportagens).
- Boxes: Presentes em 6,7% (1 reportagem).

A onipresença da fotografia demonstra que a imagem da criança é o elemento central da composição, servindo como a principal prova material da notícia. Apesar de, nem todas as imagens serem de crianças, a maior parte da amostragem demarca uma forte presença de bebês, crianças e adolescentes.

Conforme observado qualitativamente, a linha editorial utiliza estas imagens para confrontar a audiência com a **mancha na consciência coletiva**, optando muitas vezes por não aplicar filtros ou borrões (comuns em mídias ocidentais) para enfatizar a urgência humanitária e o impacto direto dos ataques.

Ao combinar gêneros de fôlego (Grandes Reportagens) com a presença constante de fotografias de crianças, a emissora constrói um ambiente informativo em que a infância não é apenas um tema, mas o eixo em torno do qual a gravidade do conflito é exposta. Esta estrutura de composição prepara o terreno para a análise de contexto (Nível 3), onde se investiga como as pressões externas e a linha editorial moldam estas escolhas de apresentação.

5.3. Nível 3: Marcas do Contexto (As pressões externas e a linha editorial)

Neste nível, a investigação debruçou-se sobre as condições de produção impostas pelo cenário de guerra e a transparência da emissora perante os obstáculos jornalísticos.

5.3.1. Menção às restrições de cobertura e dificuldades de apuração

Um dado revelador deste nível é que em 73,3% (11 reportagens) da amostra, a *Al Jazeera* faz menção explícita às dificuldades enfrentadas para obter informações ou circular no terreno. Esta transparência é uma marca de contexto fundamental: ao citar que “a comunicação foi cortada”, que “o acesso ao hospital foi bloqueado por forças israelitas” ou que “o número de mortos é difícil de verificar devido ao cerco”, a emissora contextualiza para o leitor que a notícia que ele consome é uma verdade possível dentro de um bloqueio informativo radical. Esta prática combate a ideia de uma cobertura limpa e expõe o cerco não apenas como um tema, mas como um impedimento real ao exercício da profissão, constituindo grave violação do direito humano à informação e à comunicação.

Como observado no Nível 1, a forte dependência de fontes de segunda mão (66,7%) e de fontes oficiais/especializadas (73,3%) reflete não apenas uma escolha editorial de segurança num contexto de acesso direto constantemente negado, mas possibilidades editoriais de informar. A *Al Jazeera* utiliza o contexto institucional da ONU, OMS e *Human Rights Watch* para dar suporte às suas denúncias. Isso demonstra que a linha editorial da rede opta pela validação ocidental terceiros para blindar as suas reportagens contra acusações de viés, utilizando o prestígio de organizações internacionais para ratificar a gravidade da situação das crianças.

As marcas de contexto revelam que a *Al Jazeera* pratica um jornalismo de resistência contra a invisibilidade. Ao transformar sua própria dificuldade de informar numa prova da opressão vivida, se torna parte integrante da notícia, justificando as limitações existentes e assim reafirmando a violência sistêmica de caráter colonial que acomete o povo palestino. O contexto editorial, portanto, é de denúncia ativa, em que a infância não é tratada apenas sob

uma ótica humanitária isolada, e sim como o elo mais frágil e visível de uma estrutura política de cerco e ocupação da qual a *Al Jazeera* faz parte e que se propõe a dismantelar através do testemunho, da pesquisa, da palavra e do contexto histórico.

O cerco imposto a Gaza afeta diretamente a equipe de reportagem da *Al Jazeera*, que se tornou um alvo sistemático durante o conflito. A linha editorial da emissora, que busca confrontar narrativas hegemônicas, custou a vida de pelo menos 10 de seus jornalistas nos 22 meses que antecederam agosto de 2025, segundo reportagem própria da emissora. Entre os profissionais mortos por ataques israelenses estão Samer Abudaqa (cinegravista, dez/2023), Hamza Dahdouh (jornalista, jan/2024), filho do chefe do escritório de Gaza, e Wael Dahdouh, que foi ferido no mesmo ataque. A própria rede condenou os assassinatos de jornalistas como Mohammad Salama, Anas al-Sharif, Mohammed Qreiqeh, Ibrahim Zaher, Mohammed Noufal e outros, classificando-os como ataques deliberados que violam as normas internacionais e chegam a configurar crimes de guerra. Essa vulnerabilidade da equipe da *Al Jazeera* reflete o cenário mais letal da história contemporânea para a imprensa, no qual mais de 270 jornalistas e profissionais da mídia foram mortos em Gaza desde o início da guerra, até a finalização deste trabalho.

Segundo reportagem da *Agência Brasil*, a ofensiva militar na Faixa de Gaza consolidou-se como o período mais letal da história contemporânea para a imprensa global, superando os índices de mortalidade de qualquer outro confronto armado documentado. Conforme dados do Sindicato dos Jornalistas Palestinos, estima-se que 246 profissionais de mídia tenham sido assassinados pelas forças militares israelenses em um intervalo inferior a dois anos, iniciado em 7 de outubro de 2023. Esse índice de letalidade ultrapassa, de forma combinada, o total de baixas de jornalistas registradas na Primeira e Segunda Guerras Mundiais, na Guerra Civil Americana e nos conflitos da Síria, do Vietnã, da Iugoslávia e da Ucrânia somados. Pesquisas da Universidade de Brown corroboram a gravidade do cenário ao categorizar a região como o pior ambiente histórico para a atividade jornalística, enquanto o Comitê de Proteção aos Jornalistas (CPJ) denuncia a existência de um padrão deliberado de silenciamento. Essa conjuntura é agravada por prisões arbitrárias, agressões a mais de 500 profissionais, destruição física de 115 veículos de comunicação locais e a imposição de restrições severas à entrada de correspondentes estrangeiros independentes.

5.4. Nível 4: marcas linguísticas (a gramática da agressão)

Este nível é o coração da análise terminológica, utilizado para se verificar se o jornalismo joga luz sobre os responsáveis pela violência ou se utiliza uma linguagem evasiva. Os dados revelam que a *Al Jazeera* adota majoritariamente a voz ativa para descrever as agressões contra a infância. Em títulos como *Israel's fuel cuts* (Cortes de combustível de Israel) ou *Israeli bombing continues* (Bombardeio israelita continua), o agente da ação é claramente identificado. Esta escolha gramatical evita o que o guia *Communicating Palestine* critica no jornalismo ocidental, que é a naturalização da morte, em que crianças simplesmente morrem (voz passiva/neutra) sem que se nomeie quem disparou ou quem impôs o bloqueio. As reportagens demonstram uma transição: enquanto algumas já adotam a voz ativa para responsabilizar o Estado de Israel (alinhadas ao guia), outras ainda recorrem a termos “sanitizados” e à voz passiva, o que, segundo o *Communicating Palestine*, acaba por desumanizar as vítimas ao tratá-las como estatísticas de um fenômeno sem autor definido.

A contagem de termos revela quais entidades dominam a narrativa. A título de exemplo, a palavra “Gaza” é o termo mais frequente, aparecendo 12 vezes, estabelecendo o território como o epicentro do sofrimento. O termo “Israel/Israelense” aparece 9 vezes, e é importante notar que sua presença está diretamente ligada à clareza da denúncia, já que o título tende a usar a voz ativa para identificar a responsabilidade (ex: “Cortes de combustível de Israel”). As palavras “Children” (crianças) (e derivados) aparecem 8 vezes, enquanto “Babies” (bebês), surge em 6 títulos, totalizando 14 menções que buscam humanizar o conflito através da vulnerabilidade extrema.

A análise busca confrontar as manchetes com guias de terminologia ética:

O uso de palavras como “Casualties” (baixas) e “Conflict” (conflito) é criticado por tratar mortes como estatísticas neutras e sugerir uma paridade de forças que não condiz com o cenário de cerco. Da mesma forma, verbos como “starves” (passa fome) são analisados como insuficientes quando não acompanhados da causa política (a fome imposta). Em contrapartida, títulos que utilizam “Siege” (cerco) e “Bombing” (bombardeio) são identificados como terminologicamente corretos, pois descrevem a natureza técnica e intencional da violência exercida sobre a população civil. Mesmo quando a voz ativa é utilizada, há um fenômeno de “passividade imposta” ao sujeito: em títulos onde a criança é o sujeito (ex: “Crianças enfrentam morte iminente”), a agência da frase é de sofrimento, não de ação. Apenas quando a ONU ou ONGs aparecem como sujeitos (ex: “UNICEF afirma”, “ONU alerta”) é que o título ganha um caráter de denúncia institucional ativa.

A documentação do custo humano da guerra na Palestina é marcada por uma desumanização linguística na grande mídia ocidental. Conforme analisado pelo *The Intercept*, em veículos como *The New York Times* e *Washington Post*, o termo “massacre” foi utilizado para descrever mortes de israelenses em uma proporção de 125 para 2 em relação a palestinos. Essa escolha editorial não é meramente estilística, mas política: ao reservar palavras como “chacina” e “horror” para um lado, e descrever o extermínio em Gaza como um evento sem agentes — onde palestinos apenas “morrem” em vez de serem assassinados —, a imprensa hegemônica silencia a gravidade da crise humanitária e oblitera a visibilidade ética dos corpos infantis (CfMM, 2024).

O contexto editorial da *Al Jazeera* mostra-se rigorosamente alinhado com as diretrizes de descolonização da linguagem. Ao contrário de agências ocidentais que frequentemente usam termos passivos, o contexto aqui é de confronto terminológico. A análise indica que a emissora não hesita em contextualizar a morte de recém-nascidos como consequência direta de decisões políticas (como o corte de combustível), integrando cada história individual num contexto maior de ocupação e resistência.

A análise da cobertura internacional revela um padrão de omissão que beira a cumplicidade institucional. Dados do CfMM (2025) indicam que vozes israelenses foram ouvidas pela *BBC* com uma frequência 11 vezes maior do que as palestinas. Além disso, há uma supressão ativa de termos como “genocídio”, mesmo diante de evidências de crimes contra a humanidade cometidos por Israel³⁴. Como destaca a análise de Adam Johnson (2024), essa cobertura desequilibrada ignora o fato de que a guerra em Gaza é a mais letal da história moderna para jornalistas e crianças, tratando o extermínio sistemático como uma sucessão de erros isolados, em vez de uma política deliberada de necropolítica.

Segundo reportagem do *Brasil de Fato*, a vulnerabilidade e a letalidade impostas à população infantil na Faixa de Gaza atingiram proporções sem precedentes na história dos conflitos modernos. De acordo com dados publicados pela organização não governamental Save the Children, estima-se que mais de 20 mil crianças palestinas tenham sido mortas ou dadas como desaparecidas desde o início da ofensiva militar em outubro de 2023. Esse índice

³⁴ O relatório da Comissão Internacional Independente de Inquérito da ONU aponta que as forças de Israel cometeram crimes de guerra e contra a humanidade na Faixa de Gaza, definindo a operação militar como a mais sangrenta desde 1948. Segundo os especialistas, o volume de mortes civis e o colapso da infraestrutura vital foram consequências diretas da estratégia deliberada de uso da força por Israel. O documento cita ainda a ativação da “Diretiva Hannibal”, que vitimou 14 civis israelenses, e falhas institucionais no recolhimento de provas forenses. COMISSÃO independente lista crimes de guerra e contra a humanidade em Gaza e Israel. ONU News, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/06/1833076>. Acesso em: 27 maio 2026.

de mortalidade infantojuvenil em Gaza supera proporcionalmente os registros de conflitos globais recentes, apresentando uma taxa de letalidade consideravelmente maior do que a média observada na guerra entre Rússia e Ucrânia e no somatório de todas as guerras monitoradas mundialmente entre os anos de 2019 e 2022. Somado ao impacto direto dos bombardeios, as restrições humanitárias agravaram a crise sanitária e alimentar, resultando em cerca de 50 mil crianças necessitando de tratamento médico urgente para desnutrição aguda, além de dezenas de óbitos infantis por inanição e milhares de casos de amputações que causaram sequelas permanentes.

5.4.1. Vocabulário: pensando novas maneiras de informar dentro do jornalismo de guerra decolonial a partir do uso e integração das terminologias corretas

A análise aponta uma preferência pelo termo *Killed* (mortos) em detrimento de *Casualties* (Vítimas/Baixas). Enquanto *casualties* é um termo militar abstrato que desumaniza o indivíduo, *killed* é um verbo de ação que implica um ato de matar. Ao usar *Children killed by Israel*, a *Al Jazeera* atribui responsabilidade direta, retirando a morte do campo da estatística militar e colocando-a no campo do crime humanitário. Um marcador linguístico fundamental neste nível é a presença recorrente dos termos *Siege* (Cerco) e *Blockade* (Bloqueio).

Nas reportagens sobre desnutrição e hipotermia, a linguagem da emissora conecta a condição biológica da criança ao dispositivo político, portanto não se fala apenas em fome, mas em “fome sob o cerco”. Esta precisão terminológica serve para lembrar ao leitor que a crise de saúde infantil não é um acidente, mas um resultado deliberado de uma política de ocupação contínua e ilegítima. Diferente da neutralidade distante, a *Al Jazeera* utiliza adjetivações que reforçam a urgência ética, como *Imminent death* (Morte iminente) ou *Stain on our conscience* (Mancha na nossa consciência). Estas marcas linguísticas removem a distância profissional típica do jornalismo tradicional para adotar uma postura de testemunho moral, sem, no entanto, perder o rigor factual.

A gramática da *Al Jazeera* é uma gramática de responsabilização. Ao optar pela voz ativa e por termos que nomeiam diretamente os agentes e as causas (Israel, Cerco, Bombardeio), a emissora recusa a linguagem sanitizada que frequentemente oculta a assimetria do conflito. As marcas linguísticas funcionam, portanto, como um ato político de resistência: elas garantem que a infância palestina não seja apenas vítima de circunstâncias, mas sujeita a uma violência estrutural que tem nome, origem e responsáveis. A escolha lexical — como o uso de “mártir” ou “massacre” em detrimento de termos pretensamente

neutros como “falecimento” — constitui uma marca de produção deliberada e uma política editorial de solidariedade.

5.5 Nível 5: marcas visuais (a imagem como testemunho e prova)

O quinto e último nível de análise debruça-se sobre a dimensão visual das reportagens, compreendendo a fotografia não como mero adorno estético, mas como um dispositivo de prova e testemunho moral. No contexto do cerco à Gaza, a imagem assume uma função central na denúncia da necropolítica, materializando a dor que os números, por vezes, tornam abstrata. Este tópico investiga a ética da representação da infância palestina pela *Al Jazeera English*, analisando critérios como a identificação dos rostos, o cenário de vulnerabilidade hospitalar e a recusa da sanitização visual da guerra. Ao confrontar o direito à privacidade com o dever do testemunho, as marcas visuais aqui examinadas revelam uma escolha editorial que privilegia a crueza da realidade como forma de combater a indiferença internacional e documentar as violações sistemáticas contra os corpos infantis.

Figura 3 - Crianças palestinas machucadas durante ataque aéreo israelense



Fonte: Ahmad Hasaballah/Getty Images

5.5.1. Identificação e exposição do rosto

Os dados indicam que em 71,4% (10 reportagens) das imagens, as crianças são mostradas de forma clara, permitindo a identificação do rosto, enquanto apenas 28,6% apresentam algum tipo de enquadramento, problema de nitidez ou ocultação da identidade da pessoa fotografada. No contexto de Gaza, esta escolha editorial da *Al Jazeera* rompe com protocolos tradicionais de privacidade para adotar um posicionamento voltado para o testemunho. Mostrar o rosto da criança morta ou ferida serve para devolver a humanidade e a individualidade que os números tentam apagar, transformando a vítima numa pessoa com nome e história perante a audiência global. Contudo, essa exposição visual também as fixa discursivamente na posição de vítimas ou corpos-sofredores.

Em 78,6% das fotografias, a criança é retratada num contexto de vulnerabilidade extrema (em leitos de hospital, recebendo ajuda humanitária ou em sofrimento profundo). Apenas 21,4% das imagens mostram as crianças em momentos de agência ou quotidianidade. Isto confirma que, visualmente, o Eixo II (Saúde e Condições de Vida) é dominado pela estética da emergência. A imagem das crianças em incubadoras ou em tendas de refugiados atua como uma prova material das violações descritas no texto, funcionando como um argumento visual irrefutável contra o cerco.

Figura 4 - Recém-nascidos são amamentados enquanto dividem a mesma incubadora



Fonte: Fatima Shbair/AP Photo

Um dado altamente positivo na análise é que em 92,9% das imagens não há reforço de estereótipos de poder problemáticos, como a dinâmica do salvador branco (onde um ocidental aparece resgatando a criança). A *Al Jazeera* foca na agência (adulta) local: são pais, médicos palestinos e as próprias comunidades que aparecem no suporte às crianças. Isso demonstra um olhar descolonizado, em que a tragédia é narrada a partir de dentro, sem a necessidade de validadores externos para gerar empatia, mesmo que continue sendo um enquadramento profundamente adultocêntrico.

A análise aponta que 78,6% das imagens não estetizam o sofrimento. Ou seja, a destruição e a dor não são transformadas em algo belo ou puramente artístico para consumo visual. A fotografia na *Al Jazeera* mantém-se crua e política; a beleza não é o objetivo, mas sim a urgência da denúncia. As marcas visuais da *Al Jazeera* consolidam a criança como o símbolo máximo da agressão ao povo palestino. Ao optar por mostrar o rosto e o sofrimento direto em hospitais e campos de refugiados, a emissora utiliza a imagem como uma arma política contra a indiferença. A fotografia sai desse papel meramente ilustrativo e para de ser um mero adorno para se tornar um documento histórico que valida a **mancha na**

consciência coletiva, garantindo que a visualidade da ocupação seja tão incontestável quanto os seus dados estatísticos.

Figura 5: Criança prostrada com o corpo encostado em uma parede.



Fonte: Ahmad Hasaballah/Getty Images

A predominância de imagens que expõem o rosto das crianças (71,4%) e as situam em cenários de vulnerabilidade extrema, como leitos hospitalares (78,6%), introduz um debate ético incontornável sobre os limites da representação visual em zonas de conflito. Enquanto os manuais de ética jornalística em tempos de paz preconizam a proteção da identidade da criança para evitar a estigmatização e a exploração do sofrimento, a prática da *Al Jazeera* no contexto do cerco a Gaza parece deslocar o eixo ético para o “testemunhal”. Ao optar pela não sanitização da imagem, a emissora desafia a indiferença da audiência global, utilizando o choque visual não como espetáculo, mas como prova material e denúncia de crimes de guerra. Nesse sentido, a exposição do rosto torna-se um ato de restituição da humanidade: em um cenário em que a infância é frequentemente reduzida a estatísticas e baixas militares, o jornalismo utiliza o impacto da face nua para romper o privilégio do conforto do espectador. Ele nos confronta e nos desconforta com a crueza das cenas apresentadas.

Consequentemente, os dados desta pesquisa sugerem que, para a *Al Jazeera*, a omissão visual seria equivalente à cumplicidade com a invisibilidade do agressor; o rosto exposto é, portanto, a ferramenta final para que entendamos uma realidade visualmente inegável.

5.5.2. Limitações, ética no jornalismo e o esforço analítico

Portanto, temos em um primeiro momento o filtro dos adultos (adultocentrismo), em que a infância em Gaza, nestes textos, é sobretudo um objeto passivo de contagem de corpos ou de comoção. As crianças são **os bebês na incubadora**³⁵, os **corpos congelados**, as **crianças subnutridas**. Elas não possuem voz própria, agência ou narrativa psicológica ativa compartilhada por elas mesmas, essa dor que sente é sempre mediada pela tradução do trauma feita pelo pai, pela mãe, pelo médico ou pelo porta-voz da ONU. A única exceção que tenta quebrar isso é a matéria sobre a influenciadora mirim Yaqeen Hammad, de 11 anos, mas mesmo assim sua voz só é resgatada de registros postumos após ela já ter sido morta. Em um segundo momento temos o filtro das instituições (institucionalismo), em que a dor humana em campo é imediatamente convertida em estatística e até mesmo jargão burocrático. O sofrimento de crianças reais se transforma em **5,8% de casos de subnutrição aguda, violações do Direito Internacional Humanitário ou falta de combustível para watts de incubadoras**. Essa burocracia dos relatórios engessa a crueza do evento, tornando-o palatável para debates diplomáticos, porém distante da dimensão existencial de quem o vive. Existe, no entanto, a tentativa de humanizar esse paradoxo da informação, com o texto da reportagem: *‘In Gaza, babies have no more nappies, milk, as Israeli bombing continues./* Em Gaza, os bebês ficaram sem fraldas e leite, devido à continuidade dos bombardeios israelenses.’

Por fim, o filtro do Ocidente (Eurocentrismo), é o mais revelador. Há uma evidente assimetria de autoridade moral imposta pelo Ocidente; para o mundo se importar com os bebês que morrem em Gaza, o Diretor-Geral da OMS (em Genebra) ou os porta-vozes da HRW (em Nova York) precisam emitir um comunicado. O sofrimento palestino precisa de um visto ocidental para ser considerado legítimo: por exemplo, se um médico palestino relata o horror no Hospital al-Shifa, a narrativa é frequentemente enquadrada sob a suspeita de propaganda. Mas se a *Human Rights Watch* publica o mesmo dado semanas depois, ele passa a ser tratado como fato histórico.

³⁵ Os grifos em negrito são referências diretas aos títulos dos materiais analisados nesta monografia.

Esse paradoxo da cobertura humanitária demonstra que mesmo portais que assumem uma linha editorial abertamente solidária à causa palestina (como a *Al Jazeera*) continuam presos à arquitetura de poder global. Para narrar a destruição de Gaza, a imprensa precisa traduzir a vida dos palestinos através das métricas, das organizações e dos termos validados pelo próprio ecossistema ocidental que, politicamente, financia ou tolera o conflito.

A presente pesquisa demonstra que a *Al Jazeera* empenha-se em construir uma narrativa humanizada e tecnicamente rigorosa, utilizando termos que nomeiam as estruturas de opressão mesmo sob os severos bloqueios de informação impostos por Israel durante o cerco. Contudo, reconhece-se que uma avaliação definitiva exigiria o escrutínio de todo o volume documental do veículo, tarefa que transborda as possibilidades de um esforço individual, especialmente diante das limitações temporais impostas por um calendário acadêmico fragmentado, que interrompeu o fluxo entre dezembro e fevereiro. Assim, o corpus de 14 reportagens atua como um recorte representativo de um universo muito mais vasto de materiais que ainda merecem documentação.

Soma-se a isso a complexidade ética de classificar a visualidade da dor, e embora o guia *Communicating Palestine* ofereça parâmetros, a distinção entre uma imagem ética e uma não ética esbarra em uma subjetividade profunda. As respostas, muitas vezes ambíguas, sugerem que certas representações de crianças feridas ou mortas mereceriam uma categoria analítica à parte, dada a tensão entre o choque necessário e a preservação da dignidade que merecem. Por fim, o obstáculo linguístico revelou-se um desafio adicional já que a tradução e adaptação do guia de terminologia do inglês para o português exigiu um minucioso trabalho de checagem de correspondência conceitual, reestruturação alfabética e interpretação bilíngue. Mesmo com fluência em ambos os idiomas, as nuances semânticas que encontrei, dos termos em inglês evocarem uma percepção distinta de sua versão traduzida para o português evidenciam que o ato de traduzir a guerra é, por si só, uma tarefa interpretativa complexa que demanda atenção constante para não perder a precisão política exigida pelo tema.

Adicionalmente, identifica-se uma inconsistência metodológica relevante na alternância entre a análise de termos extraídos do *corpus* original em inglês e as frases formuladas em português para a análise e tradução. Esta oscilação linguística representa um nó metodológico, pois a transposição de conceitos e estruturas gramaticais entre idiomas com lógicas distintas pode gerar imprecisões analíticas, dificultando a manutenção de um rigor terminológico uniforme ao longo de todo o trabalho. Este limite foi aceito e incorporado à pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso partiu da inquietação diante da brutalidade que assola a Palestina e do papel fundamental do jornalismo em testemunhar o que o conceito de necropolítica, de Achille Mbembe, define como o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender como a infância — entendida não apenas como um estágio biológico, mas como o “otimismo do vir a ser” (Lage, 2023) — torna-se o alvo central de uma lógica colonial de eliminação que visa aniquilar o próprio futuro do povo palestino. O guia *Communicating Palestine* permitiu identificar a dimensão técnico-metodológica da *Al Jazeera*: uma escolha deliberada por uma linguagem que confere agência às vítimas e expõe o modus operandi do agressor, constituindo o que se define como um jornalismo de resistência e denúncia.

A análise teórica desenvolvida no primeiro capítulo demonstrou que a violência atual não é um evento isolado, mas o ápice de um processo histórico de colonialismo de povoamento e apartheid iniciado há mais de um século. Nesse contexto, a morte de mais de 18 mil crianças até o início de 2025 não é uma consequência colateral, mas um ato político de destruição da memória e da viabilidade de uma nação.

Metodologicamente, a aplicação do Protocolo de Silva e Maia (2011) por meio do Observatório *Ariadnes* permitiu dissecar as estratégias editoriais da *Al Jazeera English*. Os resultados obtidos revelam que o portal opera como uma força contra-hegemônica essencial, diferente do jornalismo do colonizador criticado por Krishnan, que frequentemente utiliza a passividade linguística para ocultar a autoria da violência. A *Al Jazeera* adota uma voz ativa e nomeia os responsáveis pela agressão. Apliquei o guia para verificar se as 14 reportagens atribuem responsabilidade aos atos de violência. Durante essa análise revelou-se que, grande parte da escolha lexical constitui uma marca de produção política de solidariedade. Assim, o protocolo da ACJ e o *Communicating Palestine* permitiram que esta pesquisa transcendesse a observação formal, inserindo a cobertura em um padrão de ética jornalística que reconhece o poder da linguagem no combate à violência sistêmica contra a infância palestina.

Em suma, as análises empreendidas revelam que a transposição direta das discussões de agência verbal da língua inglesa para a portuguesa apresenta-se como um desafio estrutural intransponível, dada a divergência nas lógicas semântico-sintáticas de ambos os sistemas. A decisão de manter este debate no corpo do trabalho, mesmo diante de tais incongruências, justifica-se pelo compromisso com a transparência do percurso investigativo. Ao explicitar os limites teóricos e a inadequação de certos referenciais para o presente *corpus*, esta pesquisa

reafirma o rigor acadêmico, demonstrando que durante o processo de escrita e de mapeamento, existe espaço para as falhas e fronteiras de aplicabilidade de uma teoria.

As principais descobertas desta pesquisa podem ser sintetizadas nos pontos de identidade e humanização, já que a *Al Jazeera* rompe com a desumanização estatística ao atribuir nomes, idades e contextos familiares às crianças martirizadas, conferindo-lhes a visibilidade ética que o enquadramento de guerra ocidental muitas vezes lhes nega. Também utiliza a imagem como prova, pela onipresença da fotografia de crianças (detectada em grande parte da amostra analisada) que funciona como um monumento à memória e um apelo ético urgente, recusando-se a filtrar ou suavizar a realidade da destruição sistêmica.

Porém também pensando a falta de testemunho direto de crianças e adolescentes, de acordo com uma reportagem da *Al Jazeera* (publicada em abril de 2026 pelos jornalistas Mariem Bah e Ibrahim al-Khalili), milhares de crianças em Gaza estão perdendo a capacidade física e psicológica de falar devido ao chamado sofrimento silencioso. O trauma extremo decorrente de bombardeios contínuos, perda de familiares e deslocamentos forçados tem gerado condições severas como o mutismo seletivo e a afonia histérica. A psicoterapeuta infantil Katrin Glatz Brubakk, que atuou na região com a organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), explica matéria '*Silent suffering*': *Why children in Gaza are losing their ability to speak*, ('Sofrimento silencioso': Por que as crianças em Gaza estão perdendo a capacidade de falar), que esse silêncio não é uma escolha voluntária: "Muitas entram em uma 'resposta de congelamento' (freeze response), na qual o corpo se desliga diante da ameaça. O corpo diz: 'Não posso lutar contra isso... Então, o mais seguro é ficar imóvel'".

No Hospital Hamad, na Cidade de Gaza, o Dr. Musa al-Khorti (chefe do departamento de fonoaudiologia) confirmou um aumento drástico nesses casos de perda funcional da voz ligados ao estresse psicológico extremo, agravado pela destruição das ferramentas terapêuticas e de reabilitação durante os ataques. Além do trauma que emudece as crianças em solo de Gaza, aquelas que são detidas enfrentam barreiras físicas severas para testemunhar suas realidades. Dados obtidos pela organização Médicos pelos Direitos Humanos junto ao Serviço Prisional de Israel (divulgados em maio de 2026) revelam um aumento alarmante no uso de confinamento solitário contra crianças e adolescentes palestinos. O número de transferidos com menos de 18 anos para a solitária saltou de apenas 1 em 2022 para 50 em 2023, disparando para 290 em 2024, (um aumento acumulado de quase 30.000% (28.900%)) em dois anos.

Como aponta Oneg Ben-Dror, integrante da Médicos pelos Direitos Humanos, o confinamento solitário (considerado por tratados internacionais uma forma extrema de

punição com alto potencial de causar alucinações, perda de memória e danos físicos) deixou de ser uma medida excepcional e tornou-se rotineira para menores de idade. Ao serem mantidas em isolamento punitivo ou dissuasório, essas centenas de crianças têm suas vozes completamente extirpadas do debate público e do escrutínio internacional. A incapacidade das crianças de expressarem seus traumas e a falta de canais para que seus testemunhos sejam validados comprometem gravemente o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da população jovem. Segundo a psicoterapeuta Katrin Glatz Brubakk, quando as crianças param de falar, interagir e brincar, elas cessam também o aprendizado. Ela classifica esse fenômeno como “ferimentos cognitivos de guerra”. A falta de testemunho das crianças de Gaza nesta amostragem pode, portanto, ser o reflexo de uma infância cuja capacidade de processar a própria realidade foi fraturada, hipótese que pode ser investigada por outros estudos. Portanto podemos pressupor que em uma sociedade que não consegue ouvir as suas crianças, o futuro dessa própria comunidade será construído sob a égide do trauma não resolvido e do esquecimento.

Pensando o esforço de reportagem sob cerco, (porque mesmo com o acesso físico restrito em 66,7% das reportagens devido ao bloqueio militar), o veículo demonstrou rigor na triangulação de dados, utilizando fontes especializadas e relatórios de organismos internacionais (como ONU, OMS) para validar tecnicamente a escala da crise, mesmo que de forma ocidentalizada. Por fim, o último ponto principal é a resistência narrativa, identificada na análise do nível da linguagem, que confirmou que o uso de termos como “mártir” e o detalhamento do *modus operandi* da violência são estratégias para documentar o trauma e sustentar a agência do povo palestino frente ao apagamento colonial.

Em suma, conclui-se que o jornalismo da *Al Jazeera* consegue, sim, oferecer uma visibilidade ética aos corpos infantis. Ele transforma o sofrimento individual em um documento histórico de denúncia, assegurando que o silêncio da impunidade seja desafiado pelo registro jornalístico. Não é uma cobertura a prova de falhas, e nem a cobertura ideal do conflito, mas pode-se afirmar que está eticamente à frente de outras emissoras que querem realizar a cobertura mas não utilizam do mesmo esforço de reportagem para tal.

Como limitação, este estudo reconhece a volatilidade do cenário de conflito, que continua a produzir novos dados e vítimas diariamente. Futuras pesquisas poderiam expandir esta análise para outras mídias do Sul Global ou investigar o impacto dessas narrativas na opinião pública internacional. Por fim, deixo um alerta, se a infância é o horizonte de uma comunidade, cada ataque a uma criança palestina é um ataque à humanidade como um todo.

Que este trabalho sirva como um registro contra o esquecimento e em defesa do direito irrevogável do povo palestino de existir.

Palestina livre, do rio ao mar.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Jornalistas em Gaza relatam condições extremas e ameaça constante**. 25 set. 2025. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-09/jornalistas-em-gaza-relatam-condicoes-extremas-e-ameaca-constante>. Acesso em: 26 nov. 2025.

AL JAZEERA. 37 babies at risk of dying in Gaza hospital; Israel says to aid evacuation. 11 nov. 2023. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2023/11/11/37-babies-at-risk-of-dying-in-gaza-hospital-israel-says-to-aid-evacuation>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. ‘Drowning in own blood’: Kin of Israeli victims of Hamas still want peace. 18 nov. 2023. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/features/2023/11/18/drowning-in-own-blood-kin-of-israeli-victims-of-hamas-still-want-peace>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. Fact or fiction? Israel needs ‘fake nurses’ to justify killing Gaza babies. 17 nov. 2023. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/opinions/2023/11/17/fact-or-fiction-israel-needs-fake-nurses-to-justify-killing-gaza-babies>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. Five babies in incubator: HRW on danger to pregnant women, babies in Gaza. 28 jan. 2025. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2025/1/28/five-babies-in-incubator-hrw-on-danger-to-pregnant-women-babies-in-gaza>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. Gaza’s youngest influencer among 11 children killed by Israel in two days. 25 maio 2025. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2025/5/25/gazas-youngest-influencer-among-11-children-killed-by-israel-in-two-days>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. ***Gaza’s stolen childhood***: The thousands of children Israel killed. Al Jazeera, 26 mar. 2025. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/longform/2025/3/26/gazas-stolen-childhood-the-thousands-of-children-....> Acesso em: 9 jun. 2026.

AL JAZEERA. How the Israel war, blockade affects mental health of Palestinian children. 12 out. 2023. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2023/10/12/how-the-israel-war-blockade-affects-mental-health-of-palestinian-children>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. In an age of abundance and ceasefires, Gaza starves and the war won’t stop. 27 jun. 2025. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/features/2025/6/27/in-an-age-of-abundance-and-ceasefires-gaza-starves-and-the-war-wont-stop>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. In Gaza, babies have no more nappies, milk as Israeli bombing continues. 7 mar. 2024. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2024/3/7/in-gaza-babies-have-no-more-nappies-milk-as-israeli-bombing-continues>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. *Israel's war on Gaza: 10,000 children killed*. Al Jazeera English, 2024.

Disponível em:

<https://interactive.aljazeera.com/aje/2024/israel-war-on-gaza-10000-children-killed/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

AL JAZEERA. Over 100 incubator babies at risk due to Israel's fuel cuts to Gaza: UN. 22 out. 2023. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2023/10/22/over-100-incubator-babies-at-risk-due-to-israels-fuel-cuts-to-gaza-un>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. Photos: Dozens of premature babies evacuated from Gaza to Egypt. 20 nov. 2023. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/gallery/2023/11/20/photos-dozens-of-premature-babies-evacuated-from-gaza-to-egypt>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. Thousands of Gaza's children face 'imminent death' under Israeli siege: UN. 20 maio 2025. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2025/5/20/thousands-of-gazas-children-face-imminent-death-under-israeli-siege-un>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. Three babies freeze to death in Gaza refugee camp. 26 dez. 2024. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2024/12/26/three-babies-freeze-to-death-in-gaza-refugee-camp>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AL JAZEERA. Why is hypothermia killing Gaza's children? 1 jan. 2025. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2025/1/1/why-is-hypothermia-killing-gazas-children>. Acesso em: 20 fev. 2026.

ALBERTONI, Ramsés. A fotografia que abala os alicerces do fotojornalismo. **Observatório da Imprensa**, ed. 1376, 19 fev. 2026. Disponível em:

<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/documentario/a-fotografia-que-abala-os-alicerces-do-fotojornalismo/> Acesso em: 27 maio 2026.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AMORA, Badra El Cheikh Tanure. **Quando é a Palestina?: o tempo palestino através da ficção científica de Larissa Sansour**. 2022. 123 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

AZOULAY, Ariella. **Desaprendendo os momentos decisivos**. ZUM, n. 17, p. 1181-1205, 2019.

BAH, Mariem; KHALILI, Ibrahim al-. **“Sofrimento silencioso”: por que crianças em Gaza estão perdendo a capacidade de falar**. Fepal, [s. l.], 28 abr. 2026. Disponível em:

<<https://fepal.com.br/sofrimento-silencioso-por-que-criancas-em-gaza-estao-perdendo-a-capacidade-de-falar/>>. Acesso em: 1 jun. 2026.

BALDIN, Vitória Paschoal; RAMOS, Daniela Osvald. Reflexões sobre as relações entre mídia noticiosa e conflito permanente entre palestinos e israelenses. *Comunicação & Informação*, v. 24, 2021.

BRECHT, Bertolt. **O Manifesto**. Crítica Marxista, São Paulo, Boitempo, v.1, n.16, 2003, p.109-120.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
BUTLER, Judith. Vida Precária. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, n. 1, p. 13-33, Jan-Jun, 2011. Disponível em:
<<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18/3>>. Acesso em 01 de abril de 2026.

CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de guerra: O caso da imprensa portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade da Beira Interior, Universidade pública na Covilhã, Portugal, 2013. uBibliorum. Disponível em:
<<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1599>>.

CASTILHO, Carlos. **Rede árabe de TV entra nos EUA e enfrenta guerra ideológica**. Observatório da Imprensa, 16 jul. 2013.

CASTILHO, Carlos. Caso Washington Post revela tendências na diferenciação da imprensa. Observatório da Imprensa, ed. 1375, 12 fev. 2026. Disponível em:
<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/futuro-do-jornalismo/caso-washington-post-revela-tendencias-na-diferenciacao-da-imprensa/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

CASTRO, Rodrigo. **Resistência anticolonialista na ficção científica de Larissa Sansour**. 2024. 132 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024.
CENTRE FOR MEDIA MONITORING (CfMM). **British Media Coverage of Israel's War on Gaza**: Analysis of 35,000+ pieces of content (October 2023 – October 2024). London: CfMM, 2024. Disponível em:
<https://cfmm.org.uk/resources/reports/media-monitoring-report-coverage-of-gaza-2024/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. *A crise do jornalismo tem solução?*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019. (Coleção Interrogações).

CLEMESHA, Arlene. **Marxismo e judaísmo: história de uma relação difícil**. São Paulo: Boitempo, 1998.

COMISSÃO independente lista crimes de guerra e contra a humanidade em Gaza e Israel. **ONU News**, Nova York, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/>. Acesso em: 27 maio 2026.

COUTINHO, Manuel João de Carvalho. (2021). **Jornalismo de guerra no Médio Oriente: histórias, testemunhos e reportagens de jornalistas portugueses**. In C. Baptista, J. P.

Sousa, & C. Azevedo (Eds.), Para uma história do jornalismo em Portugal (Vol. 3, pp. 314-324). Universidade Nova de Lisboa.

DE ROCCHI, Denise. **A Al Jazeera como instrumento de projeção internacional do Catar: uma análise da cobertura da Guerra da Síria.** Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v. 13, [s.d.].

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição: O olho da história**, I. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
FARSAKH, Leila. Os bantustans da Palestina. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 1 nov. 2003. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-bantustans-da-palestina/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

FEDERAÇÃO ÁRABE PALESTINA DO BRASIL (FEPAL). **Número de crianças palestinas enviadas para a solitária nas masmorras israelenses aumenta quase 30.000% em dois anos.** Fepal, [s. l.], 14 maio 2026. Disponível em: <https://fepal.com.br/numero-de-criancas-palestinas-enviadas-para-a-solitaria-nas-masmorras-israelenses-aumenta-quase-30-000-em-dois-anos/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

FURTADO, Thaís Helena. **A infância controlada pelo Jornalismo:** a voz da criança como fonte institucionalizada na revista Nova Escola. **REDIN: Revista Educacional Interdisciplinar**, Taquara, v. 13, n. 2, p. 78-97, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/290370>. Acesso em: 17 fev. 2026.

FURTADO, Thaís Helena. Pensar o devir-criança e o jornalismo infantofóbico: as redes sociais como possibilidade de autorrepresentação das infâncias. In: SAMPAIO, Inês Vitorino; GUEDES, Brenda (org.). Crianças, adolescentes e jovens: riscos e oportunidades na cultura digital. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. cap. 6, p. 153-176. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/292067>. Acesso em: 20 fev. 2026.

FURTADO, Thaís; DORETTO, Juliana. A representação da infância nas fotografias da revista Veja. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. Anais do 32º Encontro Anual da COMPÓS. São Paulo: USP/Compós, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/p/168037>. Acesso em: 20 fev. 2026.

FURTADO, Thaís; REGINATO, Gisele; FONTANIVE, Stéfani. O outro silenciado: perfis de crianças na revista piauí. In: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília. Anais eletrônicos..., Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/o-outro-silenciado-perfis-de-criancas-na-revista-piaui?lang=en> Acesso em: 20 Fev. 2026.

HADDAD, Mohammed; CHUGHTAI, Alia. **An A-Z of the children Israel killed in Gaza.** *Al Jazeera*, 20 nov. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/longform/2024/11/20/an-a-z-of-the-children-israel-killed-in-gaza>. Acesso em: 9 jun. 2026.

HANIF, Faisal. **Guerra em Gaza:** Como a BBC sanitiza o genocídio de Israel? Monitor do Oriente, [s. l.], 23 jun. 2025. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/>. Acesso em: 27 maio 2026.

ISRAEL'S war on Gaza deadliest conflict ever for journalists, says report. **Al Jazeera**, Gaza, 2 abr. 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2025/4/2/israels-war-on-gaza-deadliest-conflict-ever-for-journalists-says-report>. Acesso em: 26 maio 2026.

ISRAEL'S war on Gaza deadliest conflict ever for journalists, says report: more journalists killed in Gaza than in both world wars, Vietnam, Yugoslavia and Afghanistan combined, says Costs of War project. **Al Jazeera**, Doha, 2 abr. 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/>. Acesso em: 27 maio 2026.

JOHNSON, Adam. **Coverage of Gaza War in the New York Times and Other Major Newspapers Heavily Favored Israel, Analysis Shows**. The Intercept, 9 jan. 2024. Disponível em: <https://theintercept.com/2024/01/09/new-york-times-washington-post-los-angeles-times-gaza-israel-bias-analysis/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

LAGE, Nádia Nunes. **O corpo-criança em fotografias do Instagram da Reuters**. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

LEÓN, Lucas Pordeus. **Israel matou mais jornalistas que qualquer guerra da história mundial**: entidades profissionais acusam Tel Aviv de assassinatos deliberados. Brasília, DF: Agência Brasil, 27 ago. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>. Acesso em: 27 maio 2026.

LOPES, Gustavo Chaves. **As redes sociais e os novos fluxos de agendamento: uma análise da cobertura da Al Jazeera sobre a Primavera Árabe**. Palavra Clave, v. 16, n. 3, p. 789-811, dez. 2013.

LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e luta anticolonial**: desafios da revolução no século XXI. Organização de Jones Manoel. São Paulo: Boitempo, 2020.

MALM, Andreas. **A destruição da Palestina é a destruição do Planeta**. São Paulo: Editora Elefante, 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MORAIS, Isabella Garcia. **Resistindo nos escombros: a infância palestina retratada nas fotografias de Mohammed Salem**. 2025. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025.

MORAIS, Isabella Garcia. **Resistindo nos escombros**: a infância palestina retratada nas fotografias de Mohammed Salem. 2025. 63 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025.

MUSSE, Christina Ferraz et al. **A representação de crianças no conflito Israel-Hamas no “Fantástico”**. In: Encontro Nacional Mídia e Dimensões do Tempo, 2023. Anais... 2023. NÚMERO de jornalistas mortos em Gaza é maior do que soma de guerras mundiais, Vietnã e Ucrânia. **Veja**, São Paulo, 2025. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/mundo/numero-de-jornalistas-mortos-em-gaza-e-maior-do-que-soma-de-guerras-mundiais-vietna-e-ucrania/>. Acesso em: 27 maio 2026.

OLESEN, Thomas. 2008. "ACTIVIST JOURNALISM? The Danish Cheminova Debates, 1997 and 2006." *Journalism Practice*, v. 2, n. 2, p. 245–263. doi:10.1080/17512780801999394.

OLIVEIRA, N. de; RODRIGUES, V. *Histórias de morte matada contadas feito morte morrida*. São Paulo: Editora Drops, 2021.

ONU NEWS. **Com 69% das estruturas danificadas, habitantes de Gaza ocupam moradias precárias**. 10 fev. 2025. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2025/02/1844736>. Acesso em: 1 abr. 2026.

PAPPÉ, Ilan. **A very short history of the Israel-Palestine conflict**. London: Oneworld Publications, 2024.

PAPPÉ, Ilan. **Ten myths about Israel**. London; New York: Verso, 2017.
REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019. (Série Jornalismo a Rigor, v. 15).

REINHOLZ, Fabiana; LEÃO, Jorge. **Genocídio na Palestina ‘é a maior matança de crianças da história’, afirma presidente da Fepal**: integrantes de organizações palestinas no Brasil participaram de debate nesta quinta-feira (10) na UFRGS. Porto Alegre: Brasil de Fato RS, 11 out. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/>. Acesso em: 27 maio 2026.

RICKETT, Oscar. **BBC coverage of Israel's war on Gaza 'systematically biased against Palestinians'**: new report from Centre for Media Monitoring finds widespread bias, as Alastair Campbell says 'those who shout loudest' shape agenda. Middle East Eye, Londres, 17 jun. 2025. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/>. Acesso em: 27 maio 2026.

SAID, Edward W. **A questão da Palestina**. São Paulo: UNESP, 2012.

SAIF, Atef Abu. **Quero estar acordado quando morrer: diário do genocídio em Gaza**. São Paulo: Editora Elefante, 2024.

SHINAR, Dov. **Jornalismo de guerra e de paz no Oriente Médio**. Casper Líbero, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 9-20, dez. 2009.

TRAMONTANO, Marcelo et al. **O debate decolonial: expressões**. V!RUS, São Carlos, n. 27, 2023.

TURSE, Nick. **News Graveyards: How Dangers to War Reporters Endanger the World**. Providence: Brown University, Costs of War, 1 abr. 2025. Disponível em: <https://watson.brown.edu/costsofwar/>. Acesso em: 27 maio 2026.

UNICEF BRASIL. **Convenção sobre os Direitos da Criança**: texto completo da Convenção e seus Protocolos Facultativos. Brasília, DF: UNICEF, [1990]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/>. Acesso em: 27 maio 2026.

WOOLF, Virginia. **Três guinéus**. São Paulo: Autêntica, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Children in Gaza are now at risk of polio as well as bombs – we need a ceasefire now. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/commentaries/detail/children-in-gaza-are-now-at-risk-of-polio-as-well-as-bombs---we-need-a-ceasefire-now>. Acesso em: 20 fev. 2026.